



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ARIÁDILA MATOS MESQUITA

**EDUCAÇÃO E PERTENCIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE RETORNO DOS
PRIMEIROS PRECISTAS À COMUNIDADE DO CIPÓ/PENTECOSTE - CE**

FORTALEZA

2022

ARIÁDILA MATOS MESQUITA

EDUCAÇÃO E PERTENCIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE RETORNO DOS
PRIMEIROS PRECISTAS À COMUNIDADE DO CIPÓ/PENTECOSTE - CE

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M543e Mesquita, Ariádila Matos.

Educação e pertencimento : uma análise sobre retorno dos primeiros precistas à comunidade do Cipó/Pentecoste - CE / Ariádila Matos Mesquita. – 2022.

79 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.

1. Cultura. 2. Identidade. 3. PRECE. 4. Pertencimento. 5. Educação. I. Título.

CDD 020

ARIÁDILA MATOS MESQUITA

EDUCAÇÃO E PERTENCIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE RETORNO DOS
PRIMEIROS PRECISTAS À COMUNIDADE DO CIPÓ/PENTECOSTE - CE

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 04 / 07 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestra Adriana Madja dos Santos Feitosa (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

À minha irmã, por me apoiar em todos os momentos, por ter me apresentado a universidade e por ter a paciência de me explicar todas vezes que tive dúvidas nessa pesquisa e durante o curso, à Ariágila Matos.

Ao meu primo, por ter encarado a ideia de entrar na universidade junto comigo, por compartilhar momentos, sonhos e planos, à Antônio Carlos.

Aos meus pais, por me apoiarem e por não medir esforços para que eu tivesse uma boa educação, à Maria Eugênia e Antônio.

As minhas amigas, pelas palavras de incentivo e pelos diversos momentos de descontração, a Renata, Thainá e Dani.

Aos meus amigos, por dedicarem um pouquinho do seu tempo para conversar sobre a pesquisa, dar sugestões, dica e encorajamento, à Cainã, Lyvia e Breno.

Ao Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE), por me desafiar a sair da zona de conforto e as minhas colegas bolsistas do Memorial pelas parcerias.

À Universidade Federal do Ceará, por ter me proporcionado tantas oportunidades, vivências e desafios, que me fizeram crescer no âmbito profissional e pessoal.

À minha coordenadora, pelo incentivo, por acreditar no meu potencial, por me ouvir nos momentos que precisei, por me aconselhar e por aceitar estar na minha banca, à Adriana Feitosa.

À professora Gabriela Farias, pelas contribuições e ensinamentos nas disciplinas de cursos e pela disponibilidade para avaliar este trabalho.

Ao professor Tadeu Feitosa, por me apresentar as diversas facetas da biblioteconomia, por todo aprendizado acadêmico e por ter aceitado ser meu orientador.

*Que la lluvia te moja la
piel pero nunca el corazón
Sólo hay que seguir
Aunque el cielo esté gris
Mira que hay que mirar
Al sol
(Camino al sol - RBD)*

RESUMO

O Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE), surgiu com o propósito de transformar a cultura educacional precária, presente na comunidade do Cipó no município de Pentecoste, interior do Ceará. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as questões culturais que levam os precistas a retornarem à comunidade como também a sua influência na continuidade do PRECE. Utiliza-se da pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa com uma análise de conteúdo, realizada por meio de entrevistas obtidas de um estudo acadêmico sobre os primeiros precistas. Desta forma foi possível perceber um vínculo de confiança criado entre a comunidade do Cipó e o Programa, assim como valorização da educação pelos precistas. Além dos fatores que influenciam no retorno dos precistas/universitários à continuidade do PRECE, tanto durante a formação universitária como após a sua finalização.

Palavras-chave: cultura; identidade; PRECE; educação; pertencimento.

RESUMEN

El Programa de Promoción de la Cooperación en las Escuelas (PRECE) surgió con el propósito de transformar la precaria cultura educativa presente en la comunidad de Cipó, en el municipio de Pentecoste, en el interior de Ceará. El objetivo de esta investigación fue comprender las cuestiones culturales que llevan a los precistas a regresar a la comunidad, así como su influencia en la comunidad de PRECE. Utiliza una investigación bibliográfica, documental y cualitativa con análisis de contenido, realizada a través de entrevistas obtenidas de un estudio académico sobre los primeros precistas. De esta manera, fue posible percibir un vínculo de confianza creado entre la comunidad Cipó y el Programa, así como el aprecio por la educación para los precistas. Hay dos factores que influyen en el retorno de los precistas/universitarios a la continuidad del PRECE, tanto durante la formación universitaria como después de su conclusión.

Palabras clave: cultura; identidad; PRECE; educación; pertenencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Pentecoste	19
Figura 2 - Inauguração da Casa de Farinha (1991?)	20
Figura 3 -Time de futebol Estudantina em 2005.....	21
Figura 4 - Primeira edição do Jornal Tribuna do Estudante.....	24
Figura 5 – Linha do tempo sobre a história do PRECE.....	31
Figura 6 - Identidade precista: papel social, valores humanos e cristianismo.....	49
Figura 7 - Ciclo do compromisso e confiança.....	50
Figura 8 - Ciclo da educação e pertencimento.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização da análise de conteúdo.....	33
Tabela 2 - Hipótese de categorização.....	34
Tabela 3 - Amostra da tabela de categorização temática.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACOMPPARCC	Associação de Moradores e Pequenos Agricultores Rurais das Comunidades Capivara e Cipó
ATEMPE	Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Pentecoste
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
COFAC	Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa
EIDEIA	Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPC	Escolas Populares Cooperativas
HSBC	Corporação Bancária de Hong Kong e Xangai
ICORES	Instituto Coração de Estudante
PACCE	Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis
PRECE	Programa de Estímulo à Cooperação na Escola
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CULTURA E COMUNIDADE.....	14
2.1	Comunidade estética x Comunidade ética.....	16
2.2	Identidade e Comunidade.....	17
3	PRECE: UMA PROPOSTA DE MUDANÇA.....	18
3.1	Uma história de conquistas.....	19
3.2	Pensamento de missão do professor Manoel Andrade.....	28
4	METODOLOGIA.....	31
4.1	Tipo da pesquisa.....	32
4.2	Método de abordagem.....	32
4.3	Análise de conteúdo.....	33
5	DISCUSSÃO DA ANÁLISE.....	35
5.1	Educação Formal (Escolarização): a chave para a mudança.....	39
5.2	Pertencimento: a passagem de volta.....	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	ANEXOS.....	60

1 INTRODUÇÃO

Em uma casa de farinha desativada na comunidade Cipó, no município de Pentecoste, sete jovens aceitaram o desafio de estudar juntos de forma compartilhada, para conquistar a aprovação no vestibular em 1994. O grupo era mediado por Manoel Andrade Neto¹, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), que pertencia àquela comunidade. A princípio não havia uma metodologia formalizada, os estudos aconteciam por meio da cooperação e solidariedade, mesmo com as tantas dificuldades, dois anos depois da reunião do grupo, o primeiro estudante é aprovado para Pedagogia na UFC. Essa aprovação serviu de impulso motivacional para que os outros estudantes continuassem estudando e buscando sua vaga no vestibular.

Depois da primeira aprovação, todos os anos seguintes pelo menos um estudante era classificado no vestibular. Em paralelo ao estudo em grupo, os estudantes eram incentivados pelo professor a realizar ações com a comunidade, para que eles desenvolvessem habilidades como cooperação, solidariedade, empatia e autonomia. Neste cenário, os alunos que entravam na universidade passavam a semana nas residências estudantis e retornavam nos fins de semana para a comunidade do Cipó e exerciam as atividades propostas pelo PRECE. Diante desse movimento que propõem uma mudança na estrutura educacional da comunidade, esta pesquisa destina-se a responder à seguinte questão: quais os aspectos principais que constituíram a cultura do movimento precisa da comunidade do Cipó Pentecoste?

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender as questões culturais que levam os precisistas a retornarem à comunidade como também a sua influência na continuidade do PRECE. O trajeto desta pesquisa se inicia com a contextualização dos conceitos de cultura, comunidade e identidade, por meio de pesquisas bibliográficas e qualitativas, a partir das ideias de Llosa (2013); Hall (2011); Bauman (2003); Laraia (2003); Paiva (2003); Santos (1996); entre outros. Depois perpassar pelos aspectos culturais desse movimento ao apresentar o histórico inicial do programa baseado em trabalhos científicos de autores como: Andrade (2019);

¹ Professor titular da Universidade Federal do Ceará, lotado no Centro de Ciências no curso de Química.

Andrade Neto (2018); Avendaño (2008); Rodrigues (2007); Lopes (2006); e tantos outros que contribuíram com esse estudo.

A motivação para a elaboração desta pesquisa surgiu a partir de uma experiência de bolsista no Projeto Memorial do PRECE, que residia no bairro Benfica em Fortaleza. Logo nos primeiros dias de formação, os bolsistas veteranos contaram um pouco sobre a história do programa e a metodologia de Aprendizagem Cooperativa e Solidária que é utilizada em todos os âmbitos do PRECE e será explicada mais adiante.

Quando fui selecionada, comecei a trabalhar com a organização do acervo do memorial. Com isso, pude tratar cada material que havia no acervo, como fotografias, relatos de experiências, depoimentos em audiovisual e outros. Ao decorrer do processo de identificação desses documentos, fui conhecendo a história desse movimento através das histórias de cada participante que contribuiu para o crescimento desse programa.

Durante esse trabalho de organização realizado no acervo, manifestou-se o desejo de entender melhor a formação desse grupo de estudantes que conseguiram mudar a sua realidade e a de tantos outros jovens por meio da educação. A maioria daqueles materiais contavam a mesma história sob perspectivas diferentes, isso me chamou a atenção e logo tornou-se meu trabalho de pesquisa. A partir disso, foi possível elaborar os objetivos específicos: 1. Apresentar os conceitos de cultura e comunidade, em particular, enfatizando as discussões sobre cultura estática e ética para a interpretação deste estudo sobre o PRECE; 2. Identificar como se constrói a formação do grupo com os primeiros precistas; 3. Investigar a relação do PRECE, com a comunidade do Cipó; 4. Entender como o movimento se mantém ao longo dos anos.

No que diz respeito às contribuições no âmbito da biblioteconomia e outras áreas que estudam esse assunto, este tema se faz relevante por se tratar de uma pesquisa que busca apresentar resultados de um estudo cultural de uma comunidade do interior do Ceará, valorizando a memória e história da população pertencente a ele. Outro fator a ser considerado são as contribuições sociais, relacionada a cooperação e solidariedade que é pertinente em todo o processo do estudo.

Este trabalho é dividido em seis capítulos, sendo o primeiro a introdução e o segundo conta com um apanhado de conceitos sobre cultura e comunidade, além de propor uma comparação entre a comunidade estética e a comunidade ética em um

subtema. Para concluir este capítulo, discorre sobre a formação identitária dos indivíduos, em um segundo subtema com concepções sobre a identidade e comunidade.

O terceiro capítulo, é um convite a viajar pela história do PRECE e de seus participantes. A pesquisa descreve as ações antes da formação do grupo, fala um pouco das parcerias criadas com o desenvolvimento do programa e da evolução do PRECE durante esses 28 anos. Ainda, aborda sobre a missão do professor Manoel Andrade com relação à educação e a comunidade.

O quarto capítulo trata das metodologias utilizadas na construção desta pesquisa. Em sequência vem o quinto capítulo com a análise e interpretação do material coletado. Este capítulo é dividido em dois subtemas que discorre sobre a educação e o pertencimento e de que forma eles influenciam no retorno dos estudantes mesmos depois de terem entrado na universidade ou até mesmo se formado. A estrutura da análise é baseada na metodologia de Bardin (2016), por um sistema de categorização temática, que permitiu analisar as entrevistas coletadas. Por fim, temos o sexto capítulo, referente às considerações finais deste trabalho.

2 CULTURA E COMUNIDADE

Ao longo do tempo, autores como Tylor (1871), Santos (1996), Laraia (2003) e Eagleton (2005) se dedicaram a estudar e conhecer diversas culturas com o objetivo de compreender melhor e tentar definir tal termo. Deste modo, várias definições foram surgindo para tentar explicar “cultura”. Segundo, Santos (1996, p. 12) “cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes”. Um exemplo dessa diferença pode ser observado, no culto às vacas presente na religião hindu e por consequência na cultura indiana e inexistente em tantas outras culturas.

Pensando no significado da palavra, Eagleton (2005, p. 9) fala que um dos significados da cultura é o “cultivo”, relacionado a um “cuidar ativo” que cresce naturalmente, ou seja, “o conjunto de crenças, valores, técnicas e comportamentos elaborados e apreendidos”, que são transmitidos entre os indivíduos de uma comunidade (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 36). Nesse sentido, cada nova geração, além de assimilar a cultura que é transmitida pelos seus antecessores, também é responsável pelo enriquecimento cultural contínuo que fortalece sua comunidade.

Este aprendizado e a passagem dos elementos que compõem uma cultura de um indivíduo para outro é possível com a ideia difundida pelo filósofo John Locke (2010, p. 10) e compartilhada por outros tantos autores de que o homem é uma “tábula rasa”, ou seja, “o indivíduo, ao nascer, nada tem em termos de conhecimento: é uma folha de papel em branco” (BECKER, 1994, p. 89), isto é, o indivíduo nasce sem crenças e costumes, ele vai preenchendo suas páginas de acordo com seus aprendizados.

Neste sentido, fatores como religião e localização geográfica podem influenciar o desenvolvimento da cultura de uma comunidade, e por consequência o indivíduo nela inserido. Para Llosa (2013, p. 14), logo depois da família, a igreja é a principal fonte de transmissão cultural ao longo de várias gerações. Ambas andam juntas, mas não podem ser consideradas a mesma coisa. Já a localização pode estar relacionada ao pensamento “ratzeliano”² acerca do determinismo geográfico, que consiste na “formatação dos seres humanos, partícipes de uma região comum, a partir das condições do meio em que vivem, incidindo sobre sua condição fisiológica, psíquica e intelectual, conduzindo ao progresso ou ao descenso de uma sociedade” (FEBVRE, 1991 [1992] apud ANTUNES, 2021 p. 150), ou seja, fatores físicos como o clima de determinada região pode influenciar no comportamento de quem vive em tal local.

No entanto, apesar da popularidade desse conceito, Laraia (2003, p. 21) aponta que outros estudiosos “refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais”. Deste modo, a localização geográfica de um indivíduo aparece como fator que influencia, mas não determina a formatação dele como seres humanos.

Assim como outros autores, Laraia (2003, p. 45), aponta que as ações do homem partem de um meio cultural onde ele foi criado, herdando um acúmulo de conhecimentos e experiências vivenciadas por gerações anteriores. De modo que, o aprendizado contínuo que enriquece a cultura de uma comunidade, também são influenciados por novos valores, crenças e hábitos que são adquiridos por meio das “transformações advindas da interculturalidade, fenômeno de natureza tanto vertical (em termos sócio-econômicos ou intelectuais) quanto horizontal (em termos espaciais ou temporais)” (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 36).

² Ratzeliano: rat·ze·li·a·no. adj. Relativo ao geógrafo alemão Frederico Ratzel (1844-1904). ETIMOLOGIA der do np Ratzel+i+ano. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ratzeliano/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Semelhante a cultura, segundo Paiva (2003, p. 67), o conceito de comunidade vem ao longo dos anos sendo foco de muitas discussões. De acordo com Amaro (2007, p. 29), “numerosos investigadores definiram Comunidade como um grupo de pessoas que partilham problemas, interesses, e recursos [...]”. Já no dicionário, o termo é definido como “um conjunto de pessoas que habitam o mesmo lugar, que pertencem ao mesmo grupo social, estando sob o mesmo governo, e compartilhando a mesma cultura e história”³.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2003), acredita que a palavra comunidade carrega o sentido de algo bom, a recordação de um lugar confortável, que sustenta uma ideia de “porto seguro”, no entanto, esse lugar é algo imaginado, que os indivíduos almejam, mas não é alcançável. Para o autor, a concepção de coletividade e lealdade faz parte dessa comunidade imaginada, que também é vista como o “paraíso perdido”. Para a professora Raquel Paiva (2003, p. 91) “falar de comunidade traz a necessidade de analisar que tipo de bens o grupo se dispõe a compartilhar”. Neste sentido, podemos fazer uma ligação entre cultura e comunidade, sendo a cultura aquilo que é transmitido entre os indivíduos que compõem uma comunidade.

2.1 Comunidade estética x Comunidade ética

Segundo Rancière (2011, p. 177), “a comunidade estética é a comunidade fundada sobre as formas de um sentir em comum [...]”, ou seja, não basta estarem de acordo, todos devem ter a experiência sensorial. Essa comunidade na visão de Bauman (2003, p. 62) é apresentada e consumida por um círculo confortável, que gera uma necessidade que não satisfaz o indivíduo, sendo capaz de gerar construção e destruição da identidade. Em outras palavras, o indivíduo experimenta aquela comunidade até o momento em que ele achar agradável, depois ele muda para outra, sempre buscando sua satisfação. Neste sentido, Bauman (2003, p. 67) explica que a comunidade estética são como “laços carnavalescos”, que podem ser formados em torno de um evento, uma celebridade ou problemas sociais, logo, são temporários.

Na comunidade estética, “não há sanções contra os que saem da linha” (BAUMAN 2003, p. 63), isso significa, que não há comprometimento, a escolha do indivíduo não será julgada. Já em outras comunidades os indivíduos que fogem do comportamento padrão criado pela comunidade é visto como “errado” ou “estranho”.

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/comunidade/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Laraia (2013, p. 67) fala que a comunidade discrimina os comportamentos divergentes, mas isso é resultado de uma herança de determinada cultura, não é algo comum entre todas. Mas pode se dizer, que é uma prática da comunidade ética, pois nela se busca manter uma comunidade com responsabilidade coletiva, que propõe o compromisso, obrigações, planejamentos a longo prazo e um “compartilhamento fraterno” (BAUMAN, 2003, p. 68). Para o autor esse compartilhamento, reafirma “o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras [...]” e que os indivíduos veem nessa comunidade “uma garantia de certeza, segurança e proteção” (IBDEM, 2003, p. 68). Sob a perspectiva de Paiva (2003, p. 86), o que reforça esse espírito de fraternidade e convivência é a ideia de comunidade como elementos de união entre os indivíduos.

2.2 Identidade e Comunidade

Para que um indivíduo tenha uma boa convivência em sua comunidade, ele precisa saber um pouco daquela cultura, por mais que ele não domine todos os aspectos (LARAIA, 2003, p. 82). Isto é, ele precisa saber como portar-se em determinadas situações, que pode ser desde o modo de falar, como uma saudação, até na forma de agir, como o abrir a porta para uma outra pessoa. No entanto, além de conhecer as nuances da convivência em comunidade, o indivíduo também precisa estar atento a mudanças que podem acontecer com o tempo.

Estas mudanças, segundo Laraia (2003, p. 96) podem acontecer de duas formas, a primeira é a que acontece dentro das comunidades relacionado à própria dinâmica cultural nela existente e pode acontecer de forma lenta, quase imperceptível. A segunda é de forma externa, decorrente do contato de uma comunidade com outra cultura, podendo esta mudança ser tranquila com trocas de padrões ou rápida, bruta e traumática. Como foi o caso de acontecimentos históricos, como a chegada dos portugueses em terras brasileiras, no ano de 1500.

Neste cenário, a autora Gomes aponta que:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41)

Para Hall (2011, p. 38) a “identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato [...]”. Essa identidade vai sendo moldada de acordo com os encontros partilhados, isso pode ser, desde entrar na escola até viajar para outro país. Mas isso só é possível quando se há oportunidades. Hall (2011, p. 35) traz uma reflexão sobre os escritos de Marx ao falar que os homens podem agir a partir das condições criadas por outros, tanto com recursos materiais, como culturais que foram deixados por gerações anteriores. Seguindo a mesma lógica, Laraia (2003, p. 46) fala que é necessário haver um suporte para que o indivíduo exerça sua criatividade. Ou seja, o ser humano precisa de oportunidades para se desenvolver.

Para Bauman (2003, p. 21) a identidade significa ser diferente e singular, mas sustenta também uma vulnerabilidade. Isso leva aos indivíduos buscar um porto seguro coletivo. A construção da identidade é um processo que não se completa, o indivíduo sempre estará desenvolvendo sua personalidade por meio das vivências e experiências:

Ao longo de nossa vida – e não apenas durante a infância e a adolescência – convivemos em e entre diferentes grupos sociais. E dentro deles aprendemos: nossos grupos de idade (como uma “turma de amigos”), nossos grupos de interesse (como um time de futebol), nossas equipes de vida e de trabalho. Cada um deles aporta uma fração daquilo através do que, aos poucos e ao longo de toda a vida, nós nos socializamos. (BRANDÃO, 2007, p. 85).

Assim, em lugares como a escola, encontram-se trocas de saberes e afetos, onde as aulas são transformadas em “círculo de diálogos” (BRANDÃO, 2007, p. 90). A estadia nesse grupo gera aprendizados, tanto para quem aprende como para quem ensina. Neste sentido, o indivíduo completa as páginas em branco de sua vida e constrói sua identidade, transitando em diversas comunidades e convivendo com várias culturas.

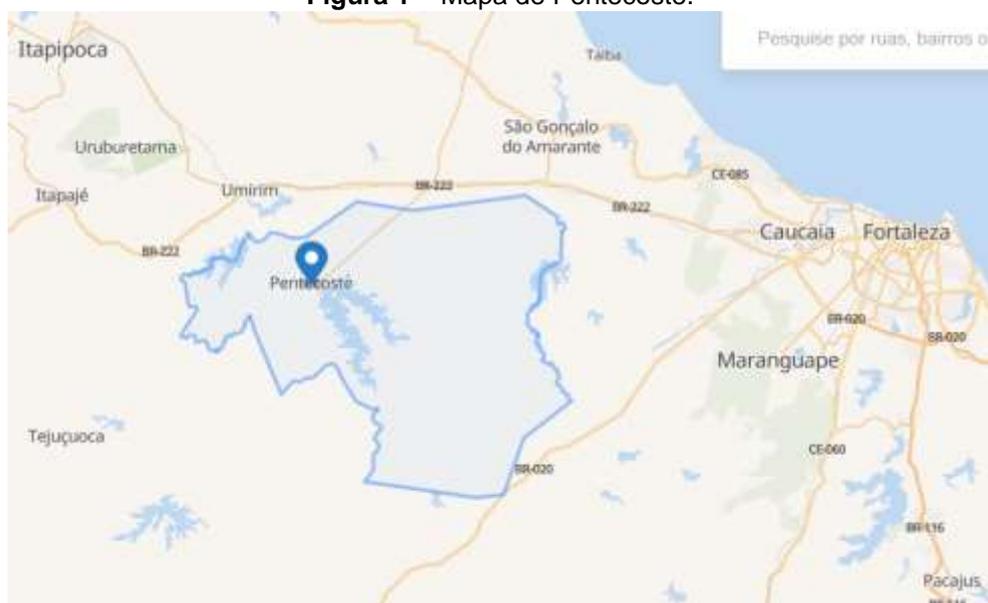
3 PRECE: UMA PROPOSTA DE MUDANÇA

Nestes 28 anos de existência, o PRECE continua tendo sua história contada, pelo olhar das pessoas que de alguma forma chegaram até o ele. Sendo assim, início a minha contribuição narrando a história do PRECE com base nos fragmentos de outras histórias.

3.1 Uma história de conquistas

Tudo começa em uma comunidade situada no município de Pentecoste, chamada Cipó, formada por uma população pobre composta por pequenos agricultores, pescadores, comerciantes, aposentados e funcionários públicos. Diante da falta de assistência técnica, as pessoas da comunidade preferem deixar seu local em busca de uma vida melhor, ou, diante da necessidade, os filhos acabam desistindo de estudar para ajudar os pais no trabalho (RODRIGUES, 2007). Essa migração da população para a cidade culminou no "êxodo rural"⁴ que acabou por esvaziar o campo e aumentar o volume de pessoas em situação de miséria nas favelas urbanas (ANDRADE, 2019, p. 45).

Figura 1 – Mapa de Pentecoste.



Fonte: <https://guiamapa.com/ce/pentecoste>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Vivendo aquela realidade e inconformados pela falta de recursos, os irmãos Manoel Andrade Neto, que na época já era professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), e Adriano Sérgio Andrade, que era líder comunitário, decidiram fazer algo para mudar as circunstâncias da região em que nasceram, juntos criaram uma associação comunitária chamada Associação de Moradores e Pequenos Agricultores Rurais das Comunidades Capivara e Cipó (ACOMPPARCC). A partir dessa associação, foi construída uma Casa de Farinha comunitária para que a comunidade

⁴ “O êxodo rural é um processo de fluxos migratórios rural/urbano que constitui um fenômeno social de forte impacto na formação territorial das cidades e do campesinato brasileiro”. (SILVA, 2015, p.60).

pudesse produzir e vender os alimentos (ANDRADE NETO, 2018). Infelizmente a Casa de Farinha não alcançou o objetivo de gerar renda para a comunidade, por falta de financiamento e apoio técnico, por isso, não foi possível mantê-la aberta (RODRIGUES, 2007). O prédio em questão foi utilizado para outros fins que será apresentado mais à frente.

Figura 2 – Inauguração da Casa de Farinha (1991?).



Fonte: Memorial do PRECE.

Para que a mudança acontecesse, era preciso realçar algumas das adversidades enfrentadas pela comunidade. Em uma colaboração entre a Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Pentecoste (ATEMPE) e o professor Manoel Andrade Neto, foi criado um programa de rádio nos anos 1990, chamado “Coração de Estudante”, cujo objetivo “era ser um veículo de divulgação das ações comunitárias, fazer controle social e lutar pelos direitos do cidadão pentecostense” (ANDRADE, 2019 p. 25). Por conta de alguns empecilhos, o projeto não agregou muitos membros apoiadores e por questões políticas a associação permaneceu por dois anos e o programa de rádio saiu do ar um tempo depois (ANDRADE NETO, 2018). Apesar do curto período do programa, essa ação contribuiu para o engajamento do professor, para com a comunidade.

No mesmo período da criação do programa, foi idealizado uma organização de campeonatos de futebol na região, pelo professor Manoel Andrade e seu irmão, como estratégia para melhorar a convivência da comunidade, através do esporte que era algo bastante valorizado, visando diminuir a dependência política e a violência que havia dentro e fora de campo (ANDRADE, 2019, p. 27). Diante disso, era necessário

mostrar para as pessoas que se elas se organizassem e trabalhassem em grupo poderiam alcançar novas perspectivas.

Esses campeonatos permaneceram por cinco anos, depois o professor Manoel Andrade, optou por gerir apenas um time chamado “Estudantina” para participar de outros campeonatos que existiam. A equipe de jogadores era motivada a trabalharem em grupos de forma harmonizada e mantendo uma postura ética dentro do campo, com isso, algumas vezes foram premiados com o “título de equipe mais disciplinada” (ANDRADE NETO, 2018, p. 105).

Figura 3 – Time de futebol Estudantina em 2005.



Fonte: Memorial do PRECE.

No entanto, o futebol não estava causando o impacto necessário para haver mudanças que os irmãos idealizavam. Em paralelo ao projeto de organização de campeonatos, em meados de 1994, o professor resolveu reunir jovens da comunidade que estavam fora da escola, para motivá-los a estudar. Para que o projeto tomasse força era preciso ter uma pessoa para coordenar, já que o docente só estava presente no Cipó nos finais de semana. Devido aos campeonatos, o professor conheceu muitos jovens, dentre eles Francisco Antônio Alves Rodrigues, filho de uma família de agricultores. Em uma conversa com Francisco, o educador

apresentou não só a proposta do projeto, mas a oportunidade dele entrar na universidade, podendo mudar a realidade em que vivia. Depois que Francisco aceitou o desafio, apenas mais seis jovens aceitaram estudar de forma colaborativa, na casa de farinha.

O projeto, ainda sem nome, tinha como o propósito, ajudar os jovens a se tornarem líderes e cooperar para que a comunidade se desenvolvesse de forma igualitária. Basicamente, os jovens iriam se reunir durante a semana, na Casa de Farinha que estava desativada, para estudar de forma compartilhada. O plano era os jovens ensinarem uns aos outros com base nas disciplinas que tinham mais afinidade, aos fins de semana, o professor os orientava não só nos estudos, mas também na motivação para que eles não desistissem. Juntamente com os estudos na casa de farinha, esses jovens tinham que se inscrever no supletivo para concluir o ensino fundamental e médio.

Inicialmente, o professor se propôs a ensinar o básico de todas as matérias, mas depois os alunos começaram a “andar sozinhos”, pois era importante que eles desenvolvessem autonomia. Além dos estudos com as disciplinas, foi preciso enfrentar três pontos importantes destacados por Andrade Neto:

O primeiro, seria desenvolver em cada um uma visão de futuro e transformar isso numa meta pessoal que fosse clara e objetiva e que pudesse ser alcançada por eles. Com a meta clara de ingressar na universidade eles sabiam porque estavam estudando;

O segundo, era fazê-los se autodeterminar para alcançar esse objetivo, ou seja, para aprender. Devido ao fracasso escolar que a maioria já havia enfrentado na educação formal, o mais importante não era dar aulas para eles, mas fazê-los acreditar que seriam capazes de aprender tudo que era preciso aprender [...];

O terceiro desafio, era estimulá-los a compartilharem entre si o que sabiam para poderem multiplicar o pouco conhecimento (saber elaborado) que eles traziam. Fazê-los acreditar na cooperação e estimular a solidariedade entre eles [...]. (ANDRADE NETO, 2018, p. 115).

Pode-se dizer que, o professor Manoel Andrade fez um papel basilar como estimulador desses jovens que precisavam viver o presente sonhando com o futuro. Toda possibilidade de desenvolvimento pessoal era aproveitada. Exemplo disso, foi uma máquina de datilografar adquirida pela ACOMPARCC. Por ser uma atividade importante na época, o professor passou as instruções para Francisco e outros estudantes, com base no manual do equipamento. Quando eles aprenderam,

elaboraram um curso de datilografia⁵ para as pessoas da comunidade de Cipó e adjacentes. A premissa dessa atividade era “se você sabe alguma coisa, ensine ao outro”. (ANDRADE NETO, 2018, p. 116). Com isso, não só os estudantes aprendiam novas habilidades, como também, eram partilhados com a comunidade.

Após dois anos de atividade, o estudante Francisco, primeiro precista, decidiu fazer o vestibular, e o professor deu todo um suporte para que ele fosse a Fortaleza realizar a prova. Apesar do curto período de preparação, o estudante obteve a aprovação em primeiro lugar para o curso de Pedagogia na UFC. Essa aprovação serviu de estímulo para os outros jovens que continuavam a estudar com o objetivo de alcançar o mesmo feito. O então, discente do curso de pedagogia, passava a semana na residência da universidade em Fortaleza e aos fins de semana retornava ao Cipó para auxiliar os outros seis jovens nos estudos. Nesse processo, o irmão do professor Adriano Sérgio Andrade, decidiu voltar a estudar junto com os jovens. No vestibular seguinte, Francisco José Teixeira Gonçalves, filho de um pescador da comunidade, conseguiu aprovação para o curso de Engenharia de Pesca (ANDRADE NETO, 2018).

Com mais uma aprovação, os jovens passaram a ter mais confiança. No vestibular do semestre seguinte, Adriano Sérgio e um dos cinco jovens, José Norberto de Sousa Gomes, que ainda buscava a vaga na universidade, conseguiram aprovação na UFC, para o curso de Geografia e para Licenciatura em Química, respectivamente. Todos que haviam obtido a aprovação, seguiam os mesmos passos do professor Manoel Andrade. Passava a semana na universidade e aos fins de semana, retornava a Cipó para ajudar os outros que continuavam estudando. Assim, seguindo a filosofia proposta, de “ensinar uns aos outros e aprender uns com os outros”, tendo como meta entrar na universidade, para depois ajudar aos que ainda não chegaram lá (ANDRADE NETO, 2018).

As aprovações dos estudantes da casa de farinha começaram a fazer sucesso na comunidade e esse acontecimento despertou a atenção de novos estudantes que viam nessa ação uma oportunidade de mudança. Essas aprovações comprovaram que “a metodologia entre os estudantes estava dando certo”, mesmo sem eles saberem ao certo o que estavam fazendo (LOPES, 2006, p. 18). No ano de 1998, o

⁵ Arte de escrever à máquina. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/datilografia/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

professor Andrade Neto (2018, p.120) afirma que juntamente com os estudantes, decidiram dar um nome ao projeto. Inspirados na música "Coração de estudante" de Milton Nascimento, denominado Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE).

Destaco que nesse mesmo ano de fundação do PRECE, é criado o jornal chamado "Tribuna do Estudante", que teve como objetivo, divulgar, comunicar e fortalecer as ações socioeducativas efetuadas pelo projeto. Apesar das poucas publicações, esse jornal exerceu um papel de formalidade, era uma forma de "dizer para todos do município de Pentecoste quem eram os agentes precistas e porque estavam ali" (ANDRADE, 2019, p. 53).

Figura 4 - Primeira edição do Jornal Tribuna do Estudante.



Fonte: Blog Prece, publicado em 2010.

O PRECE vai além dos projetos de educação popular, pois, também desenvolve “projetos nas áreas de controle social e governança, desenvolvimento econômico, comunicação, cultura e esporte” (AVENDAÑO, 2008, p. 30), pois são administrados pelos estudantes universitários, que são chamados de “precistas”. Tanto a sigla PRECE como o seu derivado “precista”, adquiriam um significado que não se limita somente ao projeto. A autora Avendaño (2008, p. 30) explica que a sigla representa tanto as ações educacionais, como um movimento social. Já os “precistas”, representa qualquer pessoa que se envolvam em ações realizadas por um coletivo, que tenham princípios, objetivos e trajetórias semelhantes.

Algumas parcerias ajudaram o PRECE a continuar com suas atividades e outros ajudaram a alavancar o projeto, neste trabalho serão citados apenas alguns. Inicialmente, o projeto não agradava a todos, pois a comunidade não valoriza os estudos e não percebia os estudos como meio de vida. Com o tempo e o crescimento das ações começou a ter credibilidade dentro e fora da comunidade do Cipó. Ainda nos primeiros passos deste movimento, o Projeto foi cadastrado como “Escola Alternativa”, na Pró-Reitoria de Extensão da UFC em 1996. Posteriormente, em 1999, com a definição do nome, passou a se chamar Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE).

Em 1998, junto com a decisão do nome foi criada uma associação chamada Instituto Coração de Estudante (ICORES). Esse instituto era comandado por precistas, ao qual passou a dividir algumas responsabilidades com o PRECE. Uma das parcerias criada pelo Instituto foi com uma escola governamental, em 2000, que trouxe professores do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA)⁶ para aplicarem a prova na comunidade do Cipó, evitando que os alunos se deslocassem até a cidade vizinha para realizar o teste. (ANDRADE NETO, 2018).

A notícia de aprovações dos jovens da casa de farinha, começou a chamar a atenção de estudantes das cidades vizinhas. Todos em busca do sonho de ingressar na universidade. Com o propósito de não deixar nenhuma pessoa que quisesse

⁶ É um estabelecimento de ensino que integra uma das quatro categorias de Escolas que compõem a estrutura organizacional da Secretaria da Educação do Estado e tem como finalidade a oferta de escolarização, em nível de ensino fundamental – anos finais e de ensino médio para os jovens e adultos que não concluíram a educação básica na idade própria que desejam retornar à escola para dar continuidade a seus estudos. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/diversidade-e-inclusao-educacional/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/centro-de-educacao-de-jovens-e-adultos-ceja/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

estudar sem suporte, foi criada uma unidade do PRECE na cidade de Pentecoste em 2002. (ANDRADE NETO, 2018).

Tempos depois, o PRECE buscou ampliar seus horizontes, em conjunto com ICORES elaboraram um projeto, cujo objetivo era levar a aprendizagem cooperativa às escolas públicas. Esse projeto foi aprovado pelo Instituto HSBC Solidariedade⁷, eram realizadas por estudantes universitários precistas, que se deslocavam todos os fins de semana para Pentecostes e Apuiarés, para fazer as atividades formativas destinadas aos estudantes e professores de escolas públicas municipais de ensino fundamental II.

Semelhante a isso, foram criadas as Escolas Populares Cooperativas (EPC), que tinha o intuito de preparar os estudantes para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁸ e para o vestibular, por meio de ações protagonistas, cooperativas e solidárias através da formação de células de estudo, partindo das necessidades locais de cada comunidade. Ao todo foram treze EPCs, distribuídas em alguns municípios do Ceará, que ficaram em atividades entre os anos de 2003 até 2008. Eram geridas pelos “estudantes pré-universitários, universitários e graduados do PRECE”. (ANDRADE, 2019, p. 64).

No ano de 2006, PRECE deixou de ser um Projeto para ser um Programa de Educação em Células Cooperativas, onde muitos dos alunos universitários faziam trabalhos relacionados ao PRECE. Dentre os diversos projetos que ligavam a UFC e o PRECE, o Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis (PACCE) pertencente à Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa (COFAC) da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) foi criada para desenvolver ações com professores e com estudantes, objetivando estimular a utilização de estratégias cooperativas pelos alunos, assim, evitando a evasão de alunos da universidade.

Um tempo depois, especificamente em 2016, a COFAC extinta, para ser criada a Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica (EIDEIA), integrando

⁷ Direciona o investimento social do HSBC Brasil em três focos Educação, Meio Ambiente e Geração de Renda para Comunidades. Disponível em: <https://gife.org.br/associados/instituto-hsbc-solidariedade/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

⁸ É uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/tudo-sobre-eja-o-que-e-e-como-funciona>. Acesso em: 15 mai. 2022.

as ações do PACCE e do PRECE que passou a ser chamado Programa de Estímulo à Cooperação na Escola. Ambos os programas tiveram uma relevância para o crescimento do PRECE, pois disponibilizou bolsas com ajuda de custo para os alunos da universidade que puderam realizar atividades de cooperação e solidariedade, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes universitários envolvidos nas ações. Com a entrada de um novo reitor na universidade em 2020, muitas bolsas foram reduzidas como o PACCE e outras foram excluídas como o PRECE. Diante desse ocorrido, não foi possível dar continuidade a diversas atividades do PRECE dentro da UFC.

Os trabalhos realizados pelo PRECE, vinham dando resultados positivos. Para propagar ainda mais essa metodologia de Aprendizagem Cooperativa. Foi realizada uma parceria importante entre o PRECE, a UFC e a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), para o gerenciamento pedagógico da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, que foi inaugurada em 2011. Com o objetivo de estabelecer os princípios e estratégias da Aprendizagem Cooperativa e Solidária. Os feitos dessa escola logo geraram resultado, de acordo com Andrade Neto (2018, p. 191) após três turmas formadas, “a cada ano, aproximadamente, 100 estudantes da escola ingressam no Ensino Superior e muitos deles são aprovados para a Universidade Federal do Ceará”. Em complemento a isso, os alunos bolsistas dos projetos PRACE e PACCE, participavam como facilitadores com o objetivo de adquirir a experiência de utilizar a Aprendizagem Cooperativa em sala de aula (IBIDEM, 2018).

Dessa parceria (PRECE, UFC e SEDUC), em 2017, foi identificado pela SEDUC que cerca de 200 escolas públicas do estado, estavam em um péssimo cenário com relação à aprendizagem cooperativa. Diante disso, o professor Andrade foi convidado para participar de uma reunião com os gestores dessas escolas. Com o intuito de realizar uma jornada formativa para esses gestores, depois a UFC lançou um edital para realizar a Jornada Formativa de Aprendizagem Cooperativa e Solidária, em 2017, com professores das escolas que os gestores haviam participado da formação. Essa formação, visava que o intercâmbio de conhecimentos entre universitários e profissionais da educação básica pudesse colaborar para a inovação e superação das crises enfrentadas pelas escolas, por meio da inserção da metodologia da Aprendizagem Cooperativa (GONCALVES; SANTIAGO NETO, 2017).

Além disso, o PRECE foi visto como um modelo de projeto eficaz. Em 2012, uma professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que depois de assistir uma apresentação sobre o PRECE e o PACCE, elaborou um projeto semelhante para aplicar na universidade em que atuava (ANDRADE, 2019, p. 89). Bem como, as parcerias criadas com a SEDUC e a UFC, que fomentaram a aprendizagem cooperativa e solidária no ensino fundamental, médio e superior, que já foi citado neste trabalho.

Outros apoios vinham de forma voluntária, desde um vizinho na comunidade que ajudava com alimentação, a professores que se disponibilizaram para dar palestras aos estudantes. O PRECE foi e é um movimento de cooperação e solidariedade.

3.2 Pensamento de missão do professor Manoel Andrade

Desde que o professor tomou a decisão de sair do Cipó para estudar em Fortaleza aos oito anos, as coisas começaram a mudar. Em seu trabalho denominado “Narrativa autobiográfica do Professor Manoel Andrade Neto, um matuto sonhador”, ele narra toda sua história de vida, sobre seus sonhos e acontecimentos que lhe levaram a tomar grandes decisões. Mas sua paixão pelo Cipó, fez com que muitos desses sonhos tivessem ligação com esse local. Para ele o Cipó era “um paraíso perdido”, um local de aconchego, e seu sentimento de missão e fé lhe motivaram desenvolver esse propósito coletivo (ANDRADE NETO, 2018). Esta visão do professor Manoel Andrade representa a fala do autor Zygmunt Bauman (2003), sobre comunidade, ele acredita que a palavra comunidade carrega o sentido de algo bom, a recordação de um lugar confortável, que sustenta uma ideia de “porto seguro”, no entanto, esse lugar é algo imaginado, que os indivíduos almejam, mas não é alcançável.

A saída da comunidade levou o professor a ter novas experiências, como os encontros com um grupo de estudo, onde ele se deparou a primeira vez com os estudos colaborativos. Esse grupo, estudava com base na cooperação, cada participante do grupo ficava responsável por ensinar uma disciplina, fazendo com que cada um se tornasse protagonista. Além do conteúdo para a prova, também havia momentos de descontração e de motivação mútua, em que eles compartilhavam suas frustrações e sonhos, esses estudantes se apoiavam uns nos outros. Com esse

modelo de estudo, o professor foi aprovado no vestibular para a Universidade Federal do Ceará, para o curso de Bacharelado em Química.

Ao entrar na universidade, uma gama de possibilidades apareceu, amadurecendo seus pensamentos sobre a educação. Naquele ambiente ele percebeu que a educação seria a chave para que ele e outras pessoas pudessem mudar de vida. Para Ribeiro (2018, p. 58) “O PRECE surge de uma inquietude, inconformação com a realidade educacional”. Diante dessa indignação pelas situações em que seu povo se encontrava, o professor decidiu fazer algo diferente, retornar para sua comunidade.

O PRECE não conseguiu quebrar a cultura da migração da comunidade para a cidade, mas evitou que muitos jovens fossem para a cidade sem preparação, pois juntamente com os estudos sobre as disciplinas tradicionais, ainda eram ensinados valores e novas práticas como a pedagogia do retorno, termo definido na tese da Andrade (2019). Isso ajudava os jovens terem confiança e não desistir de enfrentar os desafios, mesmo depois de estar na universidade. Essa prática do retorno é uma das grandes características do PRECE, pois de acordo com a autora Andrade (2019), o retorno está dentro dos princípios da cooperação e solidariedade.

No início o PRECE usava um esquema colaborativo, onde cada aluno aprendia uma matéria para ensinar o outro, pois não havia uma metodologia definida. Somente em 2004, em uma conversa com o professor Edgar Linhares⁹, os idealizadores do PRECE souberam que as práticas que eles exercitavam era algo já utilizado por professores norte-americanos e europeus desde 1960. Após essa conversa, foi iniciada uma pesquisa sobre a metodologia de Aprendizagem Cooperativa (ANDRADE, 2019, p. 75). Essa metodologia trabalha a partir de pequenos grupos de alunos, onde eles interagem entre si e com os professores, em busca de compreender os conteúdos propostos (LOPES; SILVA, 2009).

Para os autores Johnson e Johnson (1998, p. 94) “a aprendizagem cooperativa é planejada para fornecer incentivos aos membros de um grupo a fim de que eles participem no esforço do grupo”. Ainda apresenta cinco elementos que constitui uma cooperação: interdependência positiva, responsabilização individual, interação

⁹ Edgar Linhares era sobralense, teve mais de 60 anos de magistério, desde que iniciou no ginásio Sobralense até a Universidade Federal do Ceará, onde era professor adjunto. Além da atuação nas salas de aula, ele foi o pensador e idealizador de diversas políticas públicas para a educação de Sobral e também no Estado do Ceará. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/amp/morre-o-educador-edgar-linhares-1.1255131>. Acesso em: 20 mai. 2022.

promotora, habilidades sociais, e processamento de grupo. Todos esses elementos fazem parte da aprendizagem proposta pelo PRECE.

O maior objetivo do PRECE, era estimular nos jovens o interesse pela educação. Do mesmo modo, dar aos cidadãos daquela comunidade a oportunidade de se desenvolver, buscando alternativas práticas e adaptadas às circunstâncias em que eles viviam, para assim permanecer como uma opção transformadora de inclusão social. Havia um interesse dos coordenadores, que todos do grupo se sentisse pertencentes desse grupo, com interesse e objetivos em comuns. Esse incentivo acontecia durante as células¹⁰ de estudo, que promovia “a discussão em grupo e o debate sobre variados temas de interesse do estudante, privilegiando-se a leitura e a escrita [...]” (ANDRADE, p. 69. 2019).

Somente os estudos e as palavras de incentivo, não eram suficientes, a crença na religião tinha um papel fundamental. O PRECE é um projeto que carrega valores cristãos que vem influenciando em suas ações desde seu início, mas sempre respeitando as diferentes crenças (ANDRADE, 2019, p. 36). No Cipó havia uma Igreja Presbiteriana Independente do Cipó, formada por famílias dos agricultores e foi a primeira instituição parceira do PRECE (ANDRADE NETO, 2018). De acordo com o site da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, a igreja tem raízes na Reforma Protestante do século XVI, tem como características valorizar e respeitar as diferenças regionais e culturais onde estão situadas.

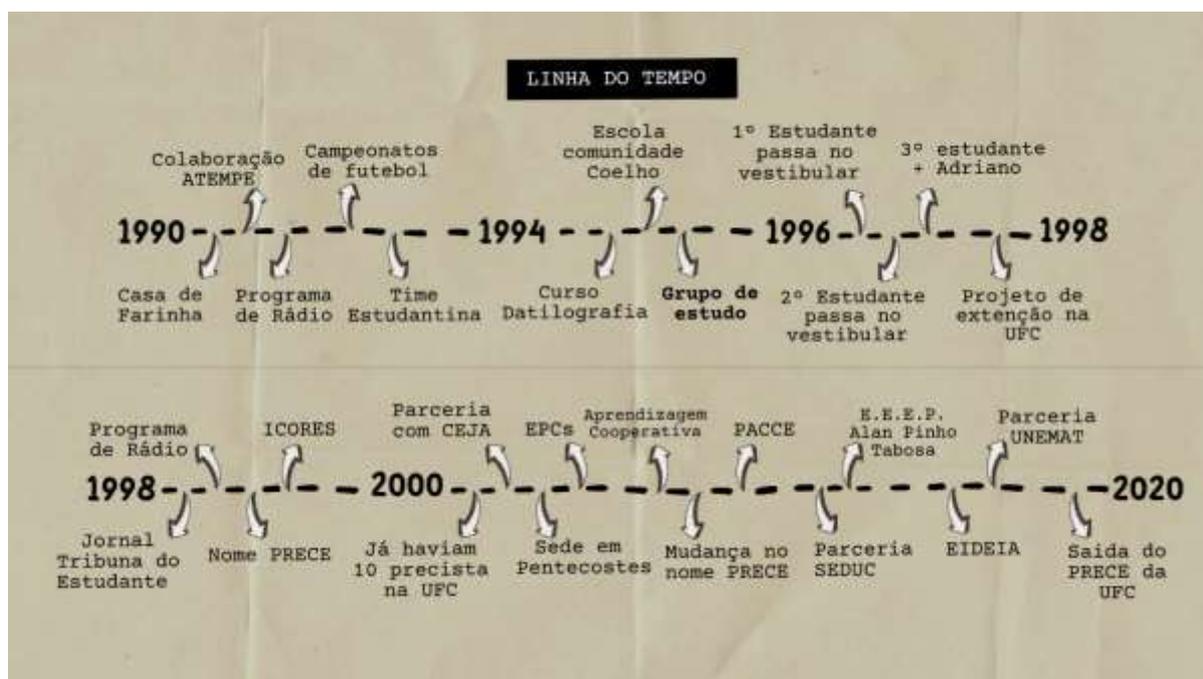
As mulheres da congregação ajudavam os alunos do PRECE com refeição, alguns objetos e principalmente com diálogos e orações com os estudantes quando eles iam realizar as provas ou em momentos difíceis emocionalmente. A autora Andrade (2019, p. 40) relata uma das ações importantes realizadas pelos participantes da congregação:

Algo que não esqueceram foi o fato de, nas vésperas e no dia do vestibular, essa comunidade cristã dobrava os joelhos para interceder a Deus por eles, no exato momento de prova para que fizessem uma boa prova, apesar do nervosismo e da agonia na seleção, ao lado de fortes concorrentes das escolas particulares de Fortaleza. Essa atitude delas ficou na memória de alguns estudantes do PRECE. (ANDRADE, 2019, p. 40).

¹⁰ “[...] termo empregado fazendo alusão às características biológicas das células vivas, tais como organização autônoma, potencial de desenvolvimento e multiplicação que uma unidade celular possui essencialmente” (MIRANDA; BARBOSA; MOISÉS, 2011, p. 26).

A educação faz parte do compromisso cristão, sendo ela um instrumento libertador, por isso as igrejas incentivam os religiosos a se dedicarem ao ensino e manter as escolas (SOARES, 2010, p. 11). Dessa forma, o PRECE foi se construindo com o lema “Coração, Juventude e Fé”, por meio de um ciclo de cooperação e solidariedade, mantido por todos aqueles que passaram ou contribuíram para o desenvolvimento do Prece (ANDRADE NETO, 2018).

Figura 5 – Linha do tempo sobre a história do PRECE.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao longo desses 28 anos, o Prece contribui significativamente para a educação dos jovens do Ceará. Para a autora Andrade (2019, p. 42), “o PRECE foi e é necessário à juventude que precisava e precisa estudar e se desenvolver na vida”. Já para Rodrigues (2007, p. 23), o PRECE vem contribuindo para “a sedimentação de uma cultura mais participativa e, conseqüentemente, com a valorização de princípios democráticos que embasam as ações cotidianas entre os sujeitos e as comunidades envolvidas”. Esse movimento mostrou que a educação é um caminho ideal para gerar mudanças e o trabalho em grupo é o que faz a transformação acontecer.

4 METODOLOGIA

Na metodologia se encontram os processos escolhidos para a pesquisa, pois ela, “engloba métodos de abordagem e de procedimento e técnicas” (LAKATOS;

MARCONI, 2003, p. 112). Em suma, trata-se de uma pesquisa inicialmente bibliográfica, documental de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Além de usar como percurso metodológico a análise de conteúdo apresentado por Bardin (2016).

4.1 Tipo da pesquisa

Primeiro utilizou-se a pesquisa bibliográfica que é elaborada “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Posteriormente, a pesquisa documental, que apesar de se assemelhar a pesquisa bibliográfica, a documental conta com materiais de fontes diversificadas e dispersas, do qual o conteúdo não recebeu um tratamento analítico. (GIL, 2002, p. 45).

Com base nos objetivos, esta pesquisa tem natureza exploratória, cujo a intenção é “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). Nesse momento, buscou-se identificar características do PRECE, por meio das leituras de trabalhos já realizados por outros pesquisadores, como relatos de experiências, artigos, monografias e livros sobre a temática abordada.

Além das pesquisas sobre a história do PRECE, também desenvolveu-se um estudo bibliográfico sobre as temáticas: cultura, comunidade e identidade, bem como, outros temas correlacionados como foi apresentado nos capítulos anteriores. Desse modo, foi possível construir uma fundamentação teórica que norteou o entendimento da temática proposta.

4.2 Método de abordagem

A abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa, pois explora os aspectos de opiniões e as diversas representações sobre os assuntos estudados. Nesta abordagem Gaskell e Bauer (2008, p. 68), fala que o pesquisador leva em consideração o meio social fragmentado com relação à temática do estudo. Além disso, a pesquisa conta com o método indutivo, pois não se considera princípios preestabelecidos, porque parte de observações dos fatos que deseja conhecer (GIL, 2008, p. 10). Com conhecimentos que ainda não foram debatidos e discutidos sobre o Prece, a fim de construir narrativas inéditas sobre o objeto de estudo. Nesse

processo, observou-se os fatos sobre a cultura do PRECE apresentados em diversas pesquisas. Depois realizou-se uma comparação para descobrir o que há em comum entre eles, para construir uma narrativa com mais veracidade.

Por conta da pandemia e a diante da impossibilidade de realizar uma pesquisa direta com os precistas, optou-se por fazer uma análise de conteúdo dos trabalhos já publicados, durante a leitura dos materiais bibliográfico. Identificou-se que na tese de Ana Maria Teixeira Andrade (2019), havia as transcrições das entrevistas realizada por ela. Foram mais de 100 páginas de conteúdo narrados pelos primeiros precistas, sobre sua infância, o trabalho dos pais, as dificuldades e conquistas, entre outros assuntos de suas histórias de vida.

4.3 Análise de conteúdo

O segundo momento da pesquisa se iniciou na análise de conteúdo. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 168), nesse momento de análise o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados com o intuito de conseguir respostas para seus questionamentos, e investiga as relações necessárias entre os dados coletados e as hipóteses formuladas. Para Bardin (2016, p. 29), a análise de conteúdo “é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica o tipo de interpretação que se pretende como objetivo”. A autora divide a análise de conteúdo em três etapas:

Tabela 1 – Organização da análise de conteúdo.

1	pré-análise
	<ul style="list-style-type: none"> a. leitura "flutuante"; b. escolha dos documentos; c. formulação das hipóteses e dos objetivos; d. referenciação dos índies e a elaboração de indicadores; e. preparação do material.
2	exploração de material
3	tratamento dos resultados e interpretação

Fonte: Elaborada pela autora (2022), baseada na metodologia de Bardin (2016).

Seguindo a metodologia de Bardin (2016), primeiramente realizou-se uma leitura "flutuante" nos materiais bibliográficos encontrados sobre a história do PRECE. Dentre os diversos trabalhos encontrados, identificou-se que as entrevistas realizadas

por Ana Maria Teixeira Andrade para sua tese intitulada, “Narrativas de vida e formação de estudantes e lideranças do programa de educação em células cooperativas”, seria o documento utilizado para a concepção desta pesquisa. No documento, encontra-se um total de nove entrevistas, mas apenas oito foram analisadas. Para a definição dos critérios de escolha das entrevistas a serem analisadas, foram considerados, o período inicial da história do PRECE (as primeiras atividades e a criação do grupo de estudo), os protagonistas dessa história (o professor e os sete estudantes) e o que foi relatado nas entrevistas (pois as oito entrevistas retrata o mesmo período histórico).

Após uma breve comparação entre os conteúdos das entrevistas, elaborou-se as hipóteses sobre o conteúdo estudado e os possíveis objetivos a serem alcançados. Nessa etapa foi criada uma tabela simples com algumas possíveis categorias a serem analisadas.

Tabela 2 – Hipótese de categorização.

Categorias	Temáticas
hábitos	futebol (lazer) ir a igreja (religião) brincadeira de infância, ir a escola (deslocamento)...
sonhos	passar no vestibular, ter um bom emprego, melhorar de vida, contribuir com a comunidade...
educação	oportunidades, aprendizado, conhecimento, desenvolvimento, compartilhar, esforço...
sentimento	satisfação, pertencimento, "ser útil", motivação, valorização...

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

As temáticas apresentadas na tabela, são assuntos relatados em todas as entrevistas, alguns com mais ênfase que outros. Essa tabela serviu de base para as fases seguintes, que consistem em elaborar indicadores e preparar os materiais a serem explorados.

Com isso, iniciou-se a etapa de exploração dos materiais ou tratamento do material, essa fase corresponde ao processo de codificação, na qual ocorre uma transformação dos dados encontrados no texto em uma representação do conteúdo ou da sua expressão, por meio de recorte, agregação e enumeração (BARDIN, 2016,

p. 67). Por ser uma pesquisa qualitativa, realizou-se apenas o processo de recorte e agregação. Dentre as opções, optou-se por fazer o recorte da unidade de registro pelo tema, pois é utilizado para estudar motivações, opiniões, atitudes, crenças e outros (BARDIN, 2016, p. 68). Já para compor a unidade de contexto, utilizou-se trechos das falas dos entrevistados, visto que a unidade de contexto, auxilia a codificação da unidade de registro.

Posteriormente, iniciou-se o processo de categorização, essa é uma etapa de classificação de elementos componentes de um conjunto por diferenciação e reagrupamento com critérios previamente definidos (BARDIN, 2016, p. 74). Nesta pesquisa, foi utilizada a categorização semântica, que é realizada mediante a categoria temática.

Todo o processo de análise de conteúdo foi elaborado de forma manual, ao todo foram identificados e retirados 207 trechos das oito entrevistas selecionadas para a análise e alocados em 28 categorias temáticas. Para uma melhor explicação da pesquisa, foi elaborada uma tabela com uma amostra das temáticas categorizadas, a tabela 3 pode ser vista no próximo capítulo.

5 DISCUSSÃO DA ANÁLISE

A análise de conteúdo desse trabalho é embasada nas entrevistas realizadas por Ana Maria Teixeira Andrade sobre a história de vida do professor Manoel Andrade e dos setes estudantes que vivenciaram os primeiros passos do PRECE, para sua tese intitulada "Narrativas de vida e formação de estudantes e lideranças do programa de educação em células cooperativas". A partir desse material coletado, foi realizada uma análise temática e elaborada uma tabela com os principais pontos que contribuíram para a cultura do PRECE.

É importante frisar, no entanto, que com base em estudos do PRECE, identificou-se que apesar do ano marcado como seu início ter sido 1994, algumas ações construtoras da sua identidade aconteceram antes deste ano, como foi o caso de alguns dos acontecimentos listados na tabela abaixo.

Tabela 3 – Amostra da tabela de categorização temática.

Temática	Observações
Trabalho na infância	"Na minha infância e adolescência eu ajudava muito meu pai na agricultura e na pescaria para a sustentação da família" (ANDRADE, 2019, p. 388.

	Entrevistado 2).
Falta de escola na comunidade	"não tinha como continuar estudando ou seguindo adiante nos estudos na comunidade, não tinha nem o telensino que na época era uma [...] possibilidade para a zona rural, mas na nossa região não tinha. E para ir para a cidade era muito difícil porque tinha que ter conhecido lá e mandar o filho e a gente não tinha, tinha uns conhecidos [...]. Daí eu estudei 3 anos repetindo a quarta série, a cada ano era aprovado, no ano que vem eu vou de novo, [...], somente para não abandonar a escola" (ANDRADE, 2019, p. 368. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"Foi aí que o Andrade chegou, era muito difícil ele aparecer, com um sonho de montar um sistema de grupo de estudantes para estudar e fazer universidade. Esse sonho dele tocou nossos corações [...]. Era um sonho dele montar esse de escola, porque na época ele se sentiu incomodado com o sistema que não tinha perspectiva de vida, ele pensou muito no futuro dos jovens daquela época. De início a gente ficou meio temeroso, mas como a empolgação dele foi tão que moveu nossos corações e nos fomos morar lá." (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).
Estratégia De estudo	"A gente estudava, a nossa sistemática era a seguinte: "Vamos ler, certo, aqui o assunto do capítulo do livro, nós vamos discutir e nós vamos responder às questões que são colocadas ao final", então sempre essa sistemática, lia, fazia um debate" (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1).
Busca por oportunidade	"Eu ia remando em torno de quase 1km na água, remando, remando. Quando chegava lá, a gente andava mais uma meia hora pra chegar na escola, e ali eu lembro que eu fazia o que hoje é equivalente ao primeiro ano, não cheguei nem a terminar. Depois disso eu fui estudar na Capivara, localidade distante 5 ou 6km de onde eu morava, quando eu comecei ia todo dia a pé" (ANDRADE, 2019, p. 422. Entrevistado 5).
Falta de perspectiva	"Na época que terminei o ensino fundamental, como não tinha perspectiva de vida, como a gente via que terminava o ensino fundamental e pensava logo em arrumar um emprego pra se sustentar" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Desejo de estudar	"As dificuldades eram enormes e o meu sonho era continuar estudando" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7).
Falta de incentivo nos estudos	"Meus pais e meus tios diziam que eu já tinha aprendido a ler e já estava bom de parar, só que eu queria dar uma sequência no meu estudo, eu pensava em terminar pelo menos o meu segundo grau" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7)
Satisfação por compartilhar	"Foi uma comunidade que a gente aprendeu muito porque eram pessoas simples mas que faziam também o melhor é... sobretudo por mim que estava no dia-a-dia, [...] nossa, era uma gratificação muito é... era muito gratificante para mim porque eu percebia a simplicidades, mas o carinho [...]eu percebia como as pessoas aceitavam aquele trabalho" (ANDRADE, 2019, p. 374. Entrevistado 1).
Julgamento da comunidade	"Mas também tinha desincentivos enormes [...] Tipo, diziam: "Á, mais que povo preguiçoso [...] não tem coragem de trabalhar e fica dizendo que ta estudando, não tem coragem de ajudar os pais". [...] e as pessoas só viam o imediato, né? Então esse imediatismo fazia com que as pessoas da comunidade tivessem esse olhar" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).

Confiança no Professor Andrade (referência)	"Naquela época a gente falava do Andrade como uma pessoa ilustre na região, minha professora falava muito, se referia sempre ao Andrade como uma pessoa muito ilustre, professor de universidade" (ANDRADE, 2019, p. 423. Entrevistado 5).
Apoio da comunidade	"Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação à alimentação. A gente mesmo juntava os familiares e algumas pessoas vizinhas e fazia o esquema de fazer o próprio almoço" (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).
Relação com a comunidade	"A gente começou a desenvolver essa relação com a comunidade né? que de certo modo era um retorno daquele grupo, para dizer: "Nós estamos aqui, nós estamos crescendo e podemos contribuir também". Então isso gerou um respeito enorme da comunidade né? um efeito muito grande" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Valorização do Grupo	"E quando a primeira pessoa passou no vestibular que foi o Antônio Rodrigues [...]O Toinho, conhecido como Toinho, começou a modificar aquela comunidade, a comunidade começou a acreditar [...] Nós existíamos lá, que nós que fazíamos parte do PRECE, fazemos, a maioria das pessoas, elas fazem parte do PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Comprovação que daria certo	"Primeiro lugar para o curso de Pedagogia, na UFC. Isso foi uma bomba de incentivo para os demais que tinham ficado na casa de farinha. Eu particularmente recebi isso como uma coisa muito boa, porque eu estava querendo uma coisa que eu sonhava muito, que era entrar numa universidade, e às vezes eu nem mesmo acreditava que eu pudesse conseguir isso, ter condições de estudo, porque não era uma escola convencional que você tem uma receita de coisas que faz e no final das contas entrar na universidade, a gente era mais por nossa conta" (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Integração por meio do Futebol	"A gente passou a jogar o campeonato que era organizado pela é... professor Andrade. Eu conheci o professor Andrade através do futebol [...] professor Andrade eu é o idealizador da PRECE [...] e aí foi o futebol que fez essa aproximação da gente conhecer outras pessoas [...] o futebol como a mediação de uma relação de amizade. [...] essa questão de usar o futebol como uma estratégia para a gente conhecer é... outros valores [...] aproximar mais pessoas conhecendo mais pessoas. E a gente tem isso como uma questão cultural importante né? fazia parte de um lazer [...] comum a várias comunidades, o futebol ele foi aproximando pessoas, foi também é..., dando essa oportunidade da gente ir trocando idéias" (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 1).
Apoio espiritual (Igreja)	"E a igreja teve um grande papel no apoio espiritual, não só no sentido da oração, no sentido de nos fazer conhecer melhor a proposta do reino de Deus, nós fomos nos aproximando, fomos, enfim, nos alimentando disso, sempre essa proposta de que o trabalho [...] social, a responsabilidade social é uma coisa inerente ao trabalho cristão, nós fomos aprendendo isso também com a igreja, ela foi referência de ponto nesse sentido, não só espiritual, mas também com a preocupação do social. Isso é uma marca muito importante" (ANDRADE, 2019, p. 381. Entrevistado 1).
Futebol como lazer	"Era uma comunidade, como na época tinha muita né? adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia né? É:: a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos né? e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. [...]porque na

	verdade também era uma forma de lazer né? de divertimento, era uma forma da gente, é... sair da rotina [...] fazia um bem enorme mesmo" (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"primeiro a gente colocou o curso de datilografia. Na sequência nós criamos uma escolinha de futebol que era para trabalhar com as crianças, então eu tinha esse trabalho sistemático [...] não era só futebol, a gente se organizava, conversava, fazia as coisas direitinho" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Sistema de estudo retorno	"E foi isso que aconteceu, ele montou o sistema e ensinou como tinha que estudar e os alunos vinham com o sonho de estudar para passar na universidade e voltar pra ajudar a turma. E é isso que está acontecendo hoje, os alunos passam e voltam pra ajudar os outros, que estão engatinhando, a se levantar e passar no vestibular para entrar na universidade" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
O Prece oferecia a oportunidade	"E os jovens também tinham esse sonho, mas não tinham preparação devida então decidiram ir para Cipó. Foi um ano inteiro de preparação, então nós tivemos uma aprovação maior no grupo que tava (sic) concorrendo" (ANDRADE, 2019, p. 384. Entrevistado 1).
Educação Solidária	"Foi se tornando consistente, no sentido de que a ideia da solidariedade né? a ideia de que a gente construa uma educação que seja capaz de nos mostrar que o trabalho solidário em grupo [...] isso nos fortalece e nos dá as condições necessárias para fazer as mudanças [...] e sobretudo realizar sonhos" (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).
Criação de uma escola	"Hoje nós temos uma oportunidade de uma escola magnífica, escola técnica de Pentecoste na gerência do Prece, junto com a universidade ((Universidade Federal do Ceará - UFC)), coordenadoria do Prece com apoio da universidade. Isso faz com que o ponto de apoio, de segurança, de mostrar coisa diferente para o município de Pentecoste. E também estamos com a oportunidade do Prece ser conhecido em todo o estado, através da coordenadoria do professor Andrade junto com o estado" (ANDRADE, 2019, p. 407. Entrevistado 4).
Retorno	"Mas quem é que não deseja que todo mundo possa cursar o ensino superior né, ter a sua vida estabilizada e possa voltar para ajuda às suas comunidades, porque não adianta você só estudar e estar bem, e esquecer que lá atrás você deixou uma comunidade que tanto acreditou em você" (ANDRADE, 2019, p. 412. Entrevistado 4).
Dificuldades iniciais	"Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação a alimentação. A gente mesmo juntava os familiares e algumas pessoas vizinhas e fazia o esquema de fazer o próprio almoço" (ANDRADE, 2019, p. 389 Entrevistado 2)
Pertencimento	"Falar do Prece assim na minha vida, eu acho que quando eu comecei a ter vida, quando eu comecei a me sentir gente, foi o momento que o Prece surgiu na minha vida [...] o Prece esteja envolvido. E falar do Prece na importância da minha vida, eu acho que o Prece hoje em dia é/que deu horizonte, que deu visibilidade, que deu oportunidade, que fez com que eu conhecesse quatorze estados do Brasil [...] faz com que eu tenha um salário digno, faz com que a minha vida financeira, pessoal e de amizade, integração, tudo isso e falar do Prece para mim" (ANDRADE, 2019, p.406. Entrevistado 3).
Frutos do PRECE	"É dar oportunidade, dar conhecimento, dar empoderamento e dar essa fortaleza de vida [...]minhas irmãs que são três graduadas, minha mãe é graduada, tudo isso vem do fruto de integração e de oportunidade que o Prece

	gera na minha vida e na minha família” (ANDRADE, 2019, p. 406. Entrevistado 3).
Ensinaamentos do PRECE	"Não apenas do PRECE em si, as atividades voltadas à educação, religiosas, são diversas as coisas. E foi isso que o PRECE nos ensinou que o que nós temos, nós temos que dividir com os outros. O espaço à educação, o compromisso, a responsabilidade" (ANDRADE, 2019, p.418. Entrevistado 4,).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Como pode ser visto, a tabela acima apresenta duas colunas, uma se refere a unidade de registro e a outra relacionada a unidade de contexto, ambas explicadas no capítulo da metodologia. Cabe ressaltar, que esta tabela é uma amostra do trabalho real, pois retirou-se apenas uma “fala” para correlacionar com a temática. Ao todo foram 207 trechos retirados do texto e alocados em 28 categorias temáticas.

5.1 Educação Formal (Escolarização): a chave para a mudança

A partir dessa tabela percebeu-se que a educação é um dos pontos principais para origem e a construção do PRECE como comunidade, já que a educação não está relacionada somente com a escola, mas também com as convivências das crianças no seu dia a dia.

Para Arendt (1957, p. 8) a “educação é uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a qual não permanece nunca tal como é, mas antes se renova sem cessar pelo nascimento, pela chegada de novos seres humanos”. Com isso, a educação é algo que sempre está em movimento para preparar a criança para o mundo. Neste sentido, o autor Brandão (2007, p. 10), fala que a “educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Então, o comportamento de uma comunidade também faz parte da educação, assim como a educação formal, que é ensinada na escola. Deste modo, pode-se dizer que a educação é a junção do ensino com o aprendizado.

O PRECE nasceu em meio a uma comunidade do interior sem acesso a uma educação de qualidade. Exemplo disso, está no fato de que os entrevistados iniciaram sua vida escolar em meados do ano de 1980, mas foi somente em 13 de julho de 1990, que surgiu a Lei nº 8.069, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Foi nesta lei que apareceu o Art. 53 declarando que “A criança e o adolescente têm direito

à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”.

A partir de uma entrevista realizada por Ana Maria Teixeira Andrade para sua tese, é possível entender melhor como funcionava o acesso à educação formal na comunidade do PRECE por volta da década de 1980. A respeito disso o Entrevistado 1 relata:

Não tinha como continuar estudando ou seguindo adiante nos estudos na comunidade, não tinha nem o telensino que na época era uma [...] possibilidade para a zona rural mas na nossa região não tinha. [...]. Daí eu estudei 3 anos repetindo a quarta série, a cada ano era aprovado, no ano que vem eu vou de novo [...] somente para não abandonar a escola, eu gostava muito de estudar [...] por volta dos 13 anos [...] parei completamente porque [...] já tinha repetido umas três vezes a quarta série. Bom, daí eu fiquei centrado, é: “não, então eu vou ficar trabalhando com meu pai. (ANDRADE, 2019, p. 368. Entrevistado 1).

Neste trecho o Entrevistado 1, relata que precisou desistir dos estudos para trabalhar com o pai. Essa era outra prática muito comum nos interiores, as crianças começavam a trabalhar cedo para ajudar no sustento da família. Assim como relata também o Entrevistado 2 (ANDRADE, 2019, p. 388): “na minha infância e adolescência eu ajudava muito meu pai na agricultura e na pescaria para a sustentação da família”. Sendo assim, não haviam medidas para que essas crianças tivessem garantia de estudo.

Percebe-se que não havia escolas para as séries finais do primeiro grau e tampouco o segundo grau para aquela população. Neste período a organização do ensino foi regulamentada pela Lei nº 5692/71 que regulamentou o ensino primário, de segundo grau e profissionalizante no Brasil até a regulamentação da Lei nº 9394/96. As poucas escolas que tinham ficavam longe das comunidades, e as crianças tinham que se deslocar por longos espaços para serem educadas, alguma delas tinha que andar quilômetros a pé para chegar à escola, outros tinha que usar um barco para ter acesso ao local:

Eu ia remando em torno de quase 1km na água, remando, remando. Quando chegava lá, a gente andava mais uma meia hora pra chegar na escola, e ali eu lembro que eu fazia o que hoje é equivalente ao primeiro ano, não cheguei nem a terminar. Depois disso eu fui estudar na Capivara, localidade distante 5 ou 6km de onde eu morava, quando eu comecei ia todo dia a pé. (ANDRADE, 2019, p. 422. Entrevistado 5).

Como tudo, é possível perceber que essas práticas são influenciadas pelo meio em que eles vivem, para que os indivíduos se desenvolvam “é necessário que

coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária" (LARAIA, 2003, p. 46), ou seja, é preciso gerar oportunidades para que eles tenham acesso à educação. Pois até aqueles que conseguiram concluir o ensino fundamental II, não tinham perspectiva e acabavam seguindo a profissão de seus pais, como relata o Entrevistado 1 (ANDRADE, 2019, p. 391): "Na época que terminei o ensino fundamental, como não tinha perspectiva de vida, como a gente via que terminava o ensino fundamental e pensava logo em arrumar um emprego pra se sustentar".

Nesta circunstância, os jovens tinham duas opções, seguir os passos dos pais trabalhando na agricultura ou migrar para cidade em busca de oportunidades. Diante dessas duas alternativas, o professor Manoel Andrade, ainda criança, escolheu sair de sua comunidade em Cipó para estudar em Fortaleza. Na entrevista realizada com o professor, ele relata sobre sua saída da comunidade: "apesar de Fortaleza ser um lugar que eu não ia gostar [...] sinalizava pra mim um novo tempo, uma oportunidade de "ser" alguém na vida [...] é aquela perspectiva de ser diferente, de estar numa situação diferente, crescer e desenvolver" (Entrevista Manoel Andrade, 2019, p. 353). Para Campos (2015, p. 192) "A migração é vista como um processo de escolha racional e também como um investimento pessoal", pois com a falta de perspectiva de desenvolvimento pessoal, profissional e educacional, a saída da comunidade representa a busca por oportunidades melhores.

Esse movimento de saída e retorno feito pelo professor foi um deslocamento inverso. O que geralmente acontece, é a migração sem retorno, o indivíduo sai de sua comunidade em busca de novas vivências, e ao encontrá-la não retornam. No entanto, o que o professor fez pode ser comparado com o mito da caverna de Platão¹¹, uma pessoa sai da sua "caverna" encontra um mundo repleto de novidades e retorna para compartilhar as informações do mundo exterior. Diante das diversas dificuldades encontradas na região do Cipó, uma das áreas mais afetadas era a educação, com alto índice de repetência, abandono escolar, analfabetismo, dificuldades de aprendizagem entre outros. (ANDRADE, 2014, p. 843). O Professor ao retornar para

¹¹ Platão (2015) o Mito da Caverna. Trata-se da história de um grupo de pessoas que viviam em uma caverna e estavam viradas para a parede com braços e pernas acorrentada. Atrás deles havia uma fogueira, toda vez que alguém passava em frente a caverna, as sombras delas eram projetadas na parede, isso era a única coisa que os prisioneiros viam. Quando um deles conseguiu escapar das correntes, saiu da caverna e conheceu o mundo exterior, ele decidiu retornar à caverna para compartilhar as informações, mas seus companheiros não acreditaram e acabaram matando o fugitivo.

sua comunidade em Cipó, apresenta uma proposta de mudanças. O Entrevistado 1 relata um pouco da conversa que ele teve com o professor:

O professor Andrade [...] disse: "Olha Toinho, eu tenho uma ideia de trabalhar com educação aqui [...] são meus amigos de infância e eu vejo aqui que a situação tão dura e tão difícil, e a ideia é que a gente faça alguma coisa que a juventude de hoje [...] a ideia é que a gente trabalhe com educação aqui na comunidade. (ANDRADE, 2019, p. 375. Entrevistado 1).

Nesse cenário, surge o PRECE com a ideia de se trabalhar a educação dentro da comunidade, as ações eram feitas por meio das possibilidades que eram encontradas. O Entrevistado 1 (2019, p. 376), relata esse início de atividades: "primeiro a gente colocou o curso de datilografia. Na sequência nós criamos uma escolinha de futebol que era para trabalhar com as crianças, [...] não era só futebol, a gente se organizava, conversava, fazia as coisas direitinho". O objetivo dessas ações era criar meios para que as comunidades tivessem acesso à educação, informação e capacitação de forma compartilhada.

Uma das primeiras estratégias encontrada para gerar a mudança na comunidade foi o futebol, pois era algo que fazia parte do lazer daquela região. De acordo com o resultado do Entrevistado 1 (ANDRADE, 2019, p. 372) até as pessoas que não jogavam, gostavam de assistir:

Era uma comunidade, como na época tinha muita [...] adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia [...] a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos [...] e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. [...] Porque na verdade também era uma forma de lazer [...] de divertimento, era uma forma da gente, é...sair da rotina [...] fazia um bem enorme mesmo. (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 1).

Neste cenário é importante lembrar que as comunidades ficavam longe uma das outras, esse momento do futebol era importante para a integração das pessoas. Segundo Bauman (2003, p. 79) a proximidade não garante a intensidade e nem o tempo de duração da interação. Mas foi através dos campeonatos de futebol que o professor Manoel Andrade conheceu diversos jovens. Diante daquela conjuntura, ele fez a proposta para alguns jovens participarem do grupo de estudo, como pode ser visto no relato do Entrevistado 2:

Foi aí que o Andrade chegou, era muito difícil ele aparecer, com um sonho de montar um sistema de grupo de estudante para estudar e fazer universidade. Esse sonho dele tocou nossos corações.[...] Era um sonho dele montar esse de escola, porque na época ele se sentiu incomodado com o

sistema que não tinha perspectiva de vida, ele pensou muito no futuro dos jovens daquela época. De início a gente ficou meio temeroso, mas como a empolgação dele foi tão forte que moveu nossos corações e nos fomos morar lá. (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).

Apesar do futebol ser algo que agregava valores, não alcançou o campo da educação da forma que o professor planejava. Por isso, a alternativa foi criar um grupo de estudo baseado na experiência vivida pelo professor. Como já foi descrito anteriormente, a princípio o grupo de estudo inicia com algumas estratégias colaborativas, eles não conheciam a metodologia de Aprendizagem Cooperativa. A ideia inicial era simples, “se você sabe alguma coisa, ensine ao outro”. (ANDRADE NETO, 2018, p. 116). De acordo com o relato do Entrevistado 1 é possível saber como era a estratégia de estudo:

A gente estudava, a nossa sistemática era a seguinte: “Vamos ler, certo, aqui o assunto do capítulo do livro, nós vamos discutir e nós vamos responder às questões que são colocadas ao final”, então sempre essa sistemática, lia, fazia um debate. (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1).

Esse sistema que o Entrevistado 1 apresenta, segue a proposta da aprendizagem colaborativa tratada por Torre e Irala (2014, p. 61), o conhecimento prévio, a experiência e o entendimento de mundo de cada estudante é reconhecido, diferente do ensino tradicional, que está centrado no professor. Esse estudo de forma colaborativa, ajudava tanto nas temáticas dos estudos, como também na construção de vínculo entre os participantes do grupo. Sob a perspectiva de Bauman (2003, p. 8) “Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros”. Isto é, a colaboração mútua que existia entre eles dava forma a uma comunidade, que depois passou a ser chamada de Prece.

Então esse grupo [...] ele foi criando uma identidade [...] a gente buscava se ajudar bastante, se ajudar com o incentivo, trazendo a palavra de ânimo quando a gente tava (sic), quando algum de nós tava (sic), é... Desanimando [...] a gente se apoiava muito, então era um grupo que tinha, na conversa [...] essa convivência que nos possibilitava a gente ir se fortalecendo, quando a gente tava (sic) com dificuldade o outro dava uma palavra legal “vamos continuar, vamos perseverar. (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).

Além dessa ajuda que acontece entre o grupo, eles também encontravam apoio da igreja, no âmbito da espiritualidade. Para Paiva (2014, p. 17) independente da religião, ela tem um papel de preencher um espaço de resposta aos questionamentos da vida humana. O autor (IBIDEM, 2014, p. 72) ainda comenta que

a espiritualidade permite que o ser humano veja o que tem além das aparências, e seja ele mesmo em toda sua completude. Com isso, o indivíduo que está disposto a crer, adquire valores que não são ensinados em outros âmbitos, a religião é o apoio não palpável que o ser humano precisa para se ter esperança e fé.

E a igreja teve um grande papel no apoio espiritual, não só no sentido da oração, no sentido de nos fazer conhecer melhor a proposta do reino de Deus, nós fomos nos aproximando, fomos, enfim, nos alimentando disso, sempre essa proposta de que o trabalho né? social, a responsabilidade social é uma coisa inerente ao trabalho cristão, nós fomos aprendendo isso também com a igreja, ela foi referência de ponto nesse sentido, não só espiritual, mas também com a preocupação do social. Isso é uma marca muito importante. (ANDRADE, 2019, p. 381. Entrevistado 1).

Esse papel de responsabilidade social, está relacionado a um dos valores do PRECE, que é “a crença em Deus – o Cristo e em suas máximas que consistiam em o parâmetro de conduta para o grupo” (ANDRADE, 2019, p. 60). Essa crença carrega o valor de missão social, para agir com autonomia e altruísmo na luta por direitos da educação.

Além disso, a igreja colabora de outra forma, como relata o Entrevistado 1 (2019, p. 381) “A igreja também contribuía com uma quantidade de recurso todo mês para destinar a alimentação dos meninos, no caso a Congregação de Cipó”. Pois alguns dos jovens tiveram que deixar sua comunidade e morar na casa de farinha no Cipó. Com isso, começaram a surgir dificuldades com a alimentação, pois os pais desses jovens não tinham condições de mantê-los enquanto eles estudavam. Eles tiveram que contar com a ajuda da igreja, de alguns vizinhos e dos próprios estudantes que conseguiam ir casa e voltar com alguns alimentos. Sobre isso o entrevistado 2 (ANDRADE, 2019 p. 389) disse: “Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação à alimentação. A gente mesmo juntava os familiares e algumas pessoas vizinhas e fazia o esquema de fazer o próprio almoço”.

Assim como tiveram pessoas que ajudaram, haviam pessoas que julgavam as atitudes desses jovens, o Entrevistado 1 (ANDRADE, 2019, p. 378) relata que as pessoas falavam: “Á, mais que povo preguiçoso não é? Não tem coragem de trabalhar e fica dizendo que ta (sic) estudando, não tem coragem de ajudar os pais”. Esse pensamento de algumas pessoas da comunidade é reflexo de uma cultura onde a educação não é valorizada. O Entrevistado 7 (ANDRADE, 2019, p. 448), relembrar o que seus familiares diziam sobre os estudos “Meus pais e meus tios diziam que eu já

tinha aprendido a ler e já estava bom de parar”. Nesta fala é possível perceber que a família não enxergava a educação como algo que pudesse agregar valores intelectuais e financeiros, pois as crianças e jovens da comunidade do Cipó não tinham acesso a este direito social.

O PRECE trouxe esse novo pensamento, pois o professor era visto como alguém que conseguiu vencer na vida, no sentido de ter uma boa condição financeira e não trabalhar na roça. Para a comunidade ele era considerado como alguém importante, conforme relata o Entrevistado 5 (ANDRADE, 2019, p. 423) "Naquela época a gente falava do Andrade como uma pessoa ilustre na região, minha professora falava muito, se referia sempre ao Andrade como uma pessoa muito ilustre, professor de universidade". Dessa forma o professor tem um papel de "ídolo" para aqueles jovens, isto é, eles veem o professor como alguém a se inspirar, que seguindo o percurso que o professor fez, eles podem ter a oportunidade de mudança e por isso, confiam no trabalho dele como educador. Bauman (2003, p. 65) explica que os ídolos são necessários, pois eles carregam a mensagem de que a não-permanência, juntamente com a instabilidade, podem ser experimentadas e a partir disso, é possível construir uma vida agradável. Sendo assim, a sugestão de mudança apresentada pelo professor, era a possibilidade de renovação que aqueles jovens queriam.

Os primeiros sinais de transformação daquele grupo vieram com a primeira aprovação de um dos participantes no vestibular da UFC. A aprovação representava a validação de que a prática do estudo em grupo de forma compartilhada estava dando certo. Essa confirmação provocou dois públicos: o primeiro foi o grupo de estudantes que recebeu aquela aprovação como uma motivação para continuar a se dedicar aos estudos para conseguir os mesmos feitos do colega, e o segundo público atingido foi as comunidades que passaram a valorizar e respeitar o grupo de estudantes da casa de farinha. Dessa forma, foi possível analisar as motivações que levaram a criação do PRECE.

5.2 Pertencimento: a passagem de volta

Além da educação, outro ponto que é relevante para a estrutura do PRECE que foi identificada a partir da tabela 3 apresentada anteriormente, é o pertencimento. Conforme Mariconi (2014, p. 14) o pertencimento acontece “quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e

consequentemente se identifica com aquele local”. Isso significa que aquilo faz parte da vida do indivíduo e contribui para a formação pessoal dele.

Dos jovens convidados, sete aceitaram o desafio de estudar em grupo na casa de farinha desativada. Entre as dificuldades, sonhos e desejos eles conseguiram se desenvolver e criar vínculos. Para a autora Mesquita (2021, p. 52) “o vínculo com o grupo vai ficando mais forte com o tempo e o hábito, ou seja, o convívio diário que pode acontecer presencialmente ou não, vai fazendo com que o indivíduo se sinta cada vez mais pertencente àquela comunidade”. Neste sentido a afinidade do grupo de estudantes foi construída aos poucos, como relata o Entrevistado 2:

A gente montava o grupo na mesa e pegava um livro de história, lia os tópicos e depois debatia os tópicos. Daí formou-se um grupo de estudantes. [...] A gente montou esse grupo de estudantes e tornou-se uma família agradável [...] e assim a gente conviveu muito tempo, jogava bola junto, discutia sobre futebol. (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).

Esse convívio possibilitou que os estudantes estabelecessem uma afinidade através dos elementos em comuns, como o futebol que foi citado pelo Entrevistado 2. A autora Mesquita (2021, p. 52) também indica que a “identificação com o grupo e o convívio social que acontece dentro dele, geram este sentimento de pertencimento e a liberdade para a apropriação dos elementos em comum que une a comunidade”. Paiva (2003, p. 56) complementa afirmando que “os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público”. Desta forma, um grupo se identifica como tal, quando tem objetivos em comum. No caso dos estudantes, eles tinham como objetivo ingressar na universidade e transformar a comunidade onde eles vivem, à luz do que se concebeu chamar de “pedagogia do retorno”, como já mencionado anteriormente.

Neste cenário, o vínculo criado entre o grupo alcançou, também, a comunidade. Pois aos poucos eles foram mostrando que eram responsáveis e que eles estavam dispostos a contribuir com o progresso da comunidade. O Entrevistado 1 (ANDRADE, 2019, p. 379), comenta sobre isso:

A gente começou a desenvolver essa relação com a comunidade [...] que de certo modo era um retorno daquele grupo, para dizer: “Nós estamos aqui, nós estamos crescendo e podemos contribuir também”. Então isso gerou um respeito enorme da comunidade [...] um efeito muito grande. (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).

Nesse trecho da entrevista reforça a ideia de Paiva (2003, p. 55), da

comunidade como uma proposta de um mundo melhor e harmônico, que está no imaginário social. Os estudantes passaram a ser também uma referência de grupo solidário a partir de suas ações perante a comunidade. Sobre a solidariedade, a autora (IBIDEM, p. 117) destaca que pode ser vista “como estratégia de ação, com uma preocupação bastante prática, além de política, destinada a romper o isolacionismo instalado”. Sendo assim, a solidariedade foi fundamental para romper a barreira da cultura enraizada e provocar a mudança necessária.

Foi se tornando consistente, no sentido de que a ideia da solidariedade, [...] a ideia de que a gente construa uma educação que seja capaz de nos mostrar que o trabalho solidário em grupo [...] isso nos fortalece e nos dá as condições necessárias para fazer as mudanças [...] e sobretudo realizar sonhos. (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).

A evolução desse grupo aconteceu gradativamente. Nessa fase de crescimento surgiu a necessidade de nomear o grupo como, Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE) e as pessoas que faziam parte do projeto passaram a ser chamados de precistas. Assim, o movimento não só tinha propósito, mas também uma marca registrada. Neste seguimento, o PRECE propôs essas ações coletivas para que se criasse o sentimento de cooperação e solidariedade. Para Avendaño (2008, p. 31) os precistas são identificados como pessoas que tem um potencial revolucionário, que buscam mudar a cultura da política local, convencional, clientelista e autoritária, que estão presentes nos municípios interioranos. Ou seja, os precistas tinham um papel de mediadores perante a comunidade.

Conforme Cavalcante (2018, p. 60) “a mediação tem como um dos seus objetivos a ampliação do horizonte e do olhar de cada membro do grupo, permitindo que as experiências mediadas possibilitem a construção do conhecimento de forma fluida, dinâmica e participativa”. O Entrevistado 2 (ANDRADE, 2019, p. 390), fala sobre suas atividades como precista: "Eu não era precista só de estudar, eu também monitorava uma creche, no período da tarde e de manhã eu dava aulas para as crianças da comunidade do Cipó, também dava aulas para escola de futebol em Capivara, onde eu nasci e cresci". Ou seja, além do grupo de estudo, o precista tinha um papel social diante da comunidade, onde ele mediava a informação para aqueles que não tinham acesso a ela, essa mediação acontecia através das oportunidades criadas pelo PRECE, que pudessem criar nas crianças e jovens o sentimento de querer estudar.

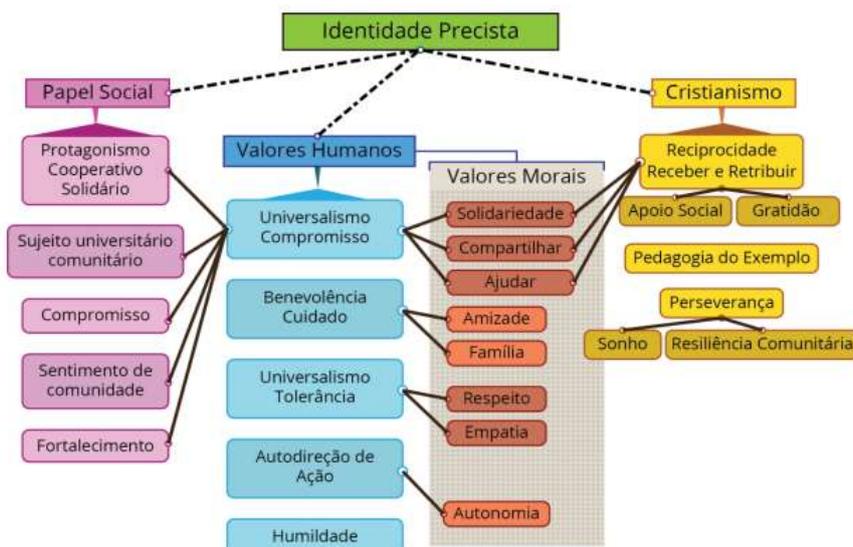
Embora houvesse muitas demandas os precistas sentiam uma certa satisfação em contribuir com a comunidade, pois se construiu uma relação entre eles, o Entrevistado 5 (ANDRADE, 2019, p. 427), comenta sobre essa relação: "Eu tive uma relação muito próxima com Pentecoste, porque todas essas atividades eram muito atraentes pra mim". Assim como no relato anterior, o Entrevistado 1 (ANDRADE, 2019, p. 381), comenta sobre o assunto: "de fato, tinha essa interação com as comunidades [...] e isso nos gerava também uma satisfação enorme [...] nos fazia muito bem". Diante disso, percebe-se que essa relação construída entre os precistas e as comunidades é um movimento de cooperação e solidariedade que faz parte dos valores atribuídos à característica do PRECE e que fazem parte da formação identitária dos precistas.

Ao tomar por base nessas concepções, percebe-se que as características do PRECE foram formadas pela convivência e o contato com as comunidades, a religião, os jogos de futebol, as famílias, as crenças da região, o campo do trabalho e a educação. Assim, também identifica-se uma construção da identidade do precista como indivíduo, afinal "ser precista é algo que se incorpora na identidade social dos sujeitos" (BARBOSA, 2016, p. 180). De acordo com Callai (2004, p. 3), "a identidade do lugar permite que as pessoas tenham uma identificação com os mesmos, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa sua identidade singular". Em complemento Hall (2011, p. 39) apresenta a identidade como algo que não deve ser visto como "acabado", e sim avaliá-la como um processo em andamento. Sendo assim, o indivíduo forma sua identidade através dos grupos que ele pertence ou que ele transita durante sua vida. Isso pode ser notado no relato do Entrevistado 4:

Não apenas do PRECE em si, as atividades voltadas à educação, religiosas, são diversas as coisas. E foi isso que o PRECE nos ensinou que o que nós temos, nós temos que dividir com os outros. O espaço à educação, o compromisso, a responsabilidade. (ANDRADE, 2019, p. 418. Entrevistado 4).

Para entender melhor a formação identitária do precista a autora Barbosa (2016), em sua dissertação, realizou um estudo sobre os valores que compõem essa identidade. Baseado em três categorias: papel social, valores humanos e cristianismo. Com isso, a autora elaborou um organograma, onde ela esmiúça todas estas categorias.

Figura 6 – Identidade precista: papel social, valores humanos e cristianismo.



Fonte: Barbosa (2016, p.96).

Para a autora Barbosa (2016, p. 96) “o processo identitário de um grupo é forjado dialeticamente dentro de um espaço e período histórico, sendo os valores compartilhados pelos sujeitos participantes elementos fundamentais para a compreensão de como o grupo se configura”. A autora aponta também que “o vínculo e o compromisso que foram estabelecidos com os demais membros do grupo e com as ideologias do movimento, reflete na forma como os participantes constroem suas identidades” (IBDEM, p. 159). Neste contexto, o grupo contribui para que seja construída a identidade de cada indivíduo pertencente a este grupo, apoiado no vínculo e comprometimento firmado.

Na figura 4, é possível observar que o componente “compromisso” aparece em todas as categorias. Diante disso, surge a necessidade de analisar esse componente de forma detalhada.

Na primeira categoria, o “compromisso” aparece como parte do papel social. Para a autora o papel social exercido pelo precista está relacionado ao vínculo afetivo com a comunidade de origem e juntamente com uma busca comprometida pelo fortalecimento de si e dos sujeitos da sua mesma localidade. (BARBOSA, 2016, p. 198). Neste contexto, compreende-se que o compromisso dos estudantes não era somente com o PRECE, mas com a educação e seu poder de transformação.

Seguindo os tópicos apontados anteriormente por Barbosa (2016), o próximo são os valores humanos, neste o compromisso tem ligação direta com a comunidade do Cipó, pois o comprometimento que os precistas têm com as comunidades, gera o

sentimento de confiança da comunidade com as ações do PRECE. Com isso, se estabelece um ciclo, que evolui a partir das novas oportunidades criadas pelo programa.

Figura 7 – Ciclo do compromisso e confiança.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por esse e outros motivos o PRECE ganhou força, expansão e uma metodologia definida. A força pode-se dizer que vinha dos precistas que faziam as coisas acontecerem com trabalho e dedicação. Já a expansão, era consequência das ações proporcionadas. Conforme o crescimento do PRECE, chegavam mais estudantes e mais demanda. Por fim a metodologia, que passou a ser baseada nos estudos sobre Aprendizagem Cooperativa, mantendo algumas características do movimento como a solidariedade. Com isso, é possível entender a relação que o PRECE tem com as comunidades e os projetos que ele atua.

Por fim, o componente compromisso parece na categoria “cristianismo”, aqui ele está dentro da característica “pedagogia do exemplo”. A autora Barbosa (2016, p. 101) considera “pedagogia do exemplo” a ação do “universitário que retorna aos finais de semana para auxiliar os demais participantes”. Sob a perspectiva de Andrade (2019, p. 48) essa prática é abordada como “pedagogia do retorno”, que a autora define como “uma prática que sustentou o PRECE e disseminou os valores precistas, pois retornar é sinal de entendimento do princípio da cooperação e solidariedade precista”. A estratégia do retorno era simples, o estudante que passava no vestibular, residia da universidade durante a semana e nos finais de semana retornava para o Cipó, a fim de ajudar os outros que ainda estavam lá. De acordo com Andrade (2019) essa ação permitiu que o PRECE se retroalimentasse, pelos próprios estudantes. Em

vista disso, compreende-se o retorno como um dos comportamentos fundamentais para a continuação do PRECE.

Sobre esse comportamento, o Entrevistado 4, relata que mesmo depois de formados os precistas tinham um compromisso e a responsabilidade de cooperar com aqueles estudantes que ainda estavam buscando sua vaga na universidade:

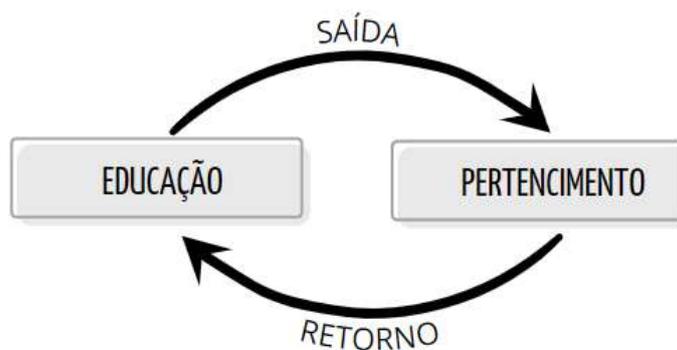
O PRECE ensinou a gente que mesmo formados, que mesmo já tendo feito a sua parte, você tem que ter o compromisso e a responsabilidade de aos sábados, final de semana, um período de férias, no período que muitas vezes está acontecendo greve, você ta (sic) ali, ajudando aquele adolescente, aquele aluno da escola pública. (ANDRADE, 2019, p. 420. Entrevistado 4).

Essa ação do retorno, faz parte das características do PRECE, dando a possibilidade dos precista, que saíram em busca de novos conhecimentos na universidade, prolongue o sentimento de pertencimento, pois eles continuam fazendo parte do PRECE. Além de um sentimento de retribuição com relação a sua comunidade, como relata a Entrevistado 4:

Mas quem é que não deseja que todo mundo possa cursar o ensino superior né, ter a sua vida estabilizada e possa voltar para ajuda as suas comunidades, porque não adianta você só estudar e estar bem, e esquecer que lá atrás você deixou uma comunidade que tanto acreditou em você (ANDRADE, 2019, p. 412. Entrevistado 4).

Sendo assim, identifica-se que a partir dos grupos que esse indivíduo pertence, se cria uma identidade “que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa” (MARICONI, 2014, p. 21).

Figura 7 – Ciclo da educação e pertencimento.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Desse modo, é possível perceber um novo ciclo criado pelos dois pontos mais evidenciados no procedimento de análise que influenciam no processo de retorno, que é a educação e o pertencimento. De acordo com o estudo, percebe-se que a educação é o que possibilita a saída deles e o pertencimento é o que faz eles voltarem. A volta não está relacionada ao desenvolvimento pessoal, pelo contrário, eles voltam porque existe a necessidade de ajudar o local ao qual eles pertencem. Mais uma marca da “pedagogia do retorno”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura não tem uma definição completa ou correta, ela é construída por particularidades e modificada pelos elementos que surgem no decorrer dos anos. Nesse sentido, cada nova geração, além de assimilar a cultura que é transmitida pelos seus antecessores, também é responsável pelo enriquecimento cultural contínuo que fortalece sua comunidade. A partir desse ponto, nota-se que a cultura educacional existente na comunidade do Cipó, foi modificada com o surgimento do grupo de estudantes, que por meio da educação conseguiram criar oportunidades para que os jovens se desenvolvessem. Mas, alguns aspectos culturais permaneceram e contribuíram para a construção das características do PRECE como o futebol e a religião, pois para eles tanto os jogos de futebol como as orações faziam parte da rotina de estudos.

Assim como a cultura, a comunidade não é estática, ela pode ser modificada ou desenvolvida por intervenção de novos componentes. Uma comunidade é criada por pessoas que tenham interesse e objetivos em comum, que criam vínculos a partir de identificações e afinidades. No caso dos primeiros precistas, o objetivo era passar no vestibular e estimular os outros jovens a quererem estudar. Esse estímulo acontecia por meio das atividades proposta pelo programa, como a escolinha de futebol, as palestras nas escolas, entre outras ações. Nesse cenário, o precista tinha um papel de mediador diante da comunidade, promovendo oportunidades para que a comunidade também crescesse, essa função social propiciou uma relação de confiança entre ambos. Cabe ressaltar, que a questão do precista como mediador não foi o foco da pesquisa, mas que esse assunto poderá ser abordado em trabalhos futuros.

Juntamente com a formação das características do PRECE, se desenvolveu a identidade do precista. Visto que a identidade não é algo natural, ela é moldada ao longo do tempo. Identificou-se que o estudante que chegava tinha contato com as características culturais que fundamentam o programa, e a partir das atividades o indivíduo, passava a desenvolver os mesmos atributos. A partir do processo de análise, verificou que o “compromisso” se mostrou uma das mais importantes qualidades na formação identitária dos precistas, pois ele está presente no comportamento, valores e na missão do PRECE.

Constatou-se, ainda, que as respostas dadas pelos primeiros precistas à pesquisa da autora Ana Maria Teixeira Andrade demonstram, entre outras coisas, um sentimento de pertença, visto que eles viviam em condições adversas à educação e tiveram uma mediação pedagógica e sociocultural que realçavam os seus vínculos com a comunidade, ainda que não possamos aferir o que acontece hoje com os egressos da comunidade, já que não foi motivo desta pesquisa.

Quanto ao retorno, constatou-se que a educação e o pertencimento é o que faz esse ciclo ser constante. De acordo com os estudos realizados nesta pesquisa, percebeu-se que a promoção da educação para os jovens da comunidade é o que leva o precista para fora da comunidade e o pertencimento é o que faz ele voltar. Sendo assim, o retorno é um dos pontos fundamentais para a continuidade do PRECE, pois os estudantes que foram aprovados no vestibular tinham um compromisso com os estudantes que continuavam tentando sua vaga. Com isso, eles passavam a semana na residência da universidade e aos fins de semana, retornavam para a comunidade para auxiliar os demais. Esse ciclo fortaleceu os princípios do PRECE de cooperação e solidariedade.

Destaca-se que a análise deste trabalho foi realizada com relatos dos precistas iniciais, onde as características do PRECE estavam sendo desenvolvidas. Ao decorrer de sua história houveram mudanças, por isso cabe realizar um novo estudo sobre os aspectos culturais do programa, com os precistas que chegaram depois que já havia uma metodologia definida.

REFERÊNCIAS

AMARO, João Paulo. Sentimento psicológico de comunidade: uma revisão. **Revista Análise Psicológica**, v. 25 n.1, 2007. p. 25-33. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/427>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ANDRADE, Ana Maria Teixeira. O PRECE: sua história e seu impacto na educação do Ceará. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO - ECHE, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO - ENHIME, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS - SINECGEO, 3., 25 a 27 set. 2014, Fortaleza (CE). **Anais...** Fortaleza: IMPRECE, 2014. p. 843-855. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41314>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ANDRADE, Ana Maria Teixeira. **Narrativas de vida e formação de estudantes e lideranças do Programa de Educação em Células Cooperativas**. 2019. 457f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49549>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ANDRADE NETO, Manoel. **Pelos que ficaram pra trás e para os que estiveram comigo**: Narrativa autobiográfica do Professor Manoel Andrade Neto, um matuto sonhador. Memorial para obtenção do título de Professor Titular do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

ANTUNES, Thiago Henrique Costa Simões. **Friedrich Ratzel e o determinismo geográfico**: a construção de um estigma. *Espaço & Geografia*, v. 24, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/40284/31325>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação**. 1957. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

AVENDAÑO, Ana Caroline Andrade. PRECE: Caminhadas de sujeitos comunitários. In: XIMENES, Verônica Moraes; AMARAL, Carlos Eduardo Menezes; REBOUÇAS JÚNIOR, Francisco Gilmário. (orgs) **Psicologia Comunitária e Educação Popular**: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

BARBOSA, Marília Studart. **Relações entre os valores do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e os valores pessoais de seus participantes**. 2016. 232f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECKER, Fernando. **Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 19 (1), 89:96, jan./jun. 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. *In*: Ferraro Júnior, Luiz Antonio (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 85-91. Disponível em: https://observatoriopantanal.org/wp-content/uploads/crm_perks_uploads/5cb0f734750a11456042675850236/2019/08/2007_Encontros_e_Caminhos_Formacao_de_Educadoras_Ambientais_e_Coletivos_Educadores.pdf#page=86. Acesso em: 15 abr. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Disponível em:

https://www.academia.edu/22890196/O_que_%C3%A9_Educa%C3%A7%C3%A3o_Carlos_Rodrigues_Brand%C3%A3o. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Dispõe sobre diretrizes e bases para o ensino de 1. e 2 graus, e das outras providencias. **Jus Brasil**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 26 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Jus Brasil**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CALLAI, Helena Capetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. **Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso: 23 jun. 2022.

CAMPOS, Marden Barbosa de. **População, espaço e sustentabilidade: contribuições para o desenvolvimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94508.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21860>. Acesso: 20 jun. 2022.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Competência, Aprendizagem Colaborativa e Metodologias Ativas no Ensino Superior. **Folha de Rosto**, v. 4, n. 1, p. 57-65, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/285>. Acesso: 22 jun. 2022.

CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - CEJA. **Secretaria de Educação do Estado do Ceará**. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/diversidade-e-inclusao-educacional/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/centro-de-educacao-de-jovens-e-adultos-ceja/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

COMUNIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/comunidade/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DATILOGRAFIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/datilografia/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7 ed. - Rio de Janeiro: Vozes. 2008.

GIFE. **Instituto HSBC Solidariedade**. Curitiba, 2012. Disponível em: <https://gife.org.br/associados/instituto-hsbc-solidariedade/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidad. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 59-61. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

GONCALVES, Ana Beatriz Juvencio; SANTIAGO NETO, Francisco Aauto. Jornada Formativa em aprendizagem cooperativa. **Revista Encontros Universitários UFC**. Fortaleza, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/28362>. Acesso em: 24 jun. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IPIB. **Igreja Presbiteriana Independente do Brasil**. São Paulo. Disponível em: <https://ipib.org/index.php/a-ipib/> Acesso em: 31 mar. 2022.

JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R.T.; KARL, A. **A Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades: qual é a evidência de que funciona?** Smith in Change. Vol.

30. Issue 4. p.26, Jul/Aug 1998. Disponível em:

<https://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf>. Acesso: 24 jun. 2022.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEFF, Ivan. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 4, p. 35-42, mar. 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jotje Zahar, 2003.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**. 2013

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LOPES, Elton Luz. **Educação em células cooperativas: uma estratégia de educação para a autonomia**. 2006.

LOPES, José. SILVA, Helena Santos. **A aprendizagem cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor**. 1. ed. Lisboa: Lidel, 2009.

MESQUITA, Ariágila Matos. **Rebelde mexicano: a relação do fã com o uniforme do elite way school**. 2021. 72 f. Monografia (Graduação em Design-Moda)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/59074> Acesso em: 16 jun. 2022.

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; BARBOSA, Marília Studart; MOISÉS, Talita Feitosa de Moisés. A aprendizagem em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. **Revista do Nufen**, Belém (PA), ano 3, v. 1, n. 1, p.17-40, jan./jul. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/43222/1/2011_art_csnmirandamsbaarbosatfmoises.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) - Faculdade de Educação / UNICAMP, Campinas, 2014.

OLIVEIRA, Adrielle. Tudo sobre EJA: o que é e como funciona?. **Educação Mais Brasil**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/tudo-sobre-eja-o-que-e-e-como-funciona>. Acesso em: 15 mai. 2022.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PAIVA, Vanildo de. **Imaginário coletivo sobre o cuidado religioso na igreja católica**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. Campinas, 2014.

PLATÃO. **O mito da Caverna**. 1. Ed. Especial. São Paulo: Edipro, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. A Comunidade Estética Jacques Rancière. **Revista Poiesis**, n 17, p. 169-187, jul. de 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/27040>. Acesso em: 20 mai. 2022.

RATZELIANO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ratzeliano/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

RBD. **Camino al sol**. México: EMI Music: 2009. (3:58)

REDAÇÃO. Morre o educador Edgar Linhares. **Diário do Nordeste**, 28 mar. 2015. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/amp/morre-o-educador-edgar-linhares-1.1255131>. Acesso em: 20 mai. 2022.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Comunicação e comunidade: teoria e método. **Comunicação e Espaço Público**, v. 7, n. 1-2, p. 71-80, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12275?locale=fr>. Acesso em: 06 jun. 2022.

RODRIGUES, Francisco Antônio Alves. **Instituto Coração de Estudante: Educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SEÇÃO TÚNEL DO TEMPO. Imagem do jornal Tribuna do Estudante. **Blog PreceAc**. Fortaleza, 19 fev. 2010. Disponível em: <http://preceac.blogspot.com/2010/02/secao-tunel-do-tempo.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SILVA, Iolanda Pereira da. Êxodo Rural: os processos migratórios dos territórios rurais no Estado do Ceará. **Revista Diálogos Acadêmicos**, Fortaleza (CE), v. 4, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revista.fametro.com.br/index.php/RDA/article/view/74/93> Acesso em: 20 mai. 2022.

SOARES, José Teodoro. **Compromisso Cristão**. Fortaleza, 2010.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: **Complexidades: redes e conexões na produção do conhecimento**. TORRES, Patrícia Lupion (org.) Curitiba: SENAR, 2014. p. 61-98.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/271136311_Aprendizagem_colaborativa_t
eoria_e_pratica](https://www.researchgate.net/publication/271136311_Aprendizagem_colaborativa_teorica_e_pratica)

[https://docplayer.com.br/3426104-Complexidade-redes-e-conexoes-na-producao-
do-conhecimento.html](https://docplayer.com.br/3426104-Complexidade-redes-e-conexoes-na-producao-do-conhecimento.html). Acesso em: 23 jun. 2022.

TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres, John Mursay & Co. 1871.

ANEXO – TABELA COM A CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA

Temática	Observações
Trabalho na infância	"Então meus pais [...] ensinaram muito, né? A questão do acolhimento, a questão é... de passar para a gente o carinho que a gente precisava [...] eu aprendi muito né? desses ensinamentos na vida cotidiana, na vida prática [...] gostava muito de estudar e meus pais: "então tá bom, você vai trabalhar um período e o outro é para estudo" (ANDRADE, 2019, p. 367. Entrevistado 1).
Trabalho na infância	"E o meu pai e mamãe sempre diziam: "Olha você gosta de estudar né? a gente lhe apoia [...] então trabalhava de manhã, que era o período que eu ajudava [...] no período da tarde era destinado para o estudo" (ANDRADE, 2019, p. 371. Entrevistado 1).
Trabalho na infância	"Na minha infância e adolescência eu ajudava muito meu pai na agricultura e na pescaria para a sustentação da família" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2)..
Trabalho na infância	"Estava um tempo difícil na família e eu tive que ir com meu pai para pescar poder comprar o alimento da família. Era um tempo muito escasso e a gente até acreditar que não ia pegar nada" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2)..
Trabalho na infância	"Fui morar em Canafísula com um tio [...] passei uma boa parte do meu tempo trabalhando cuidado de gado, cortando banheira pra gado. Naquela época era muito difícil, não tinha capim para o gado e a gente tinha que corta bananeira, e eu submetia a fazer esse tipo de trabalho porque não tinha outra perspectiva" (ANDRADE, 2019, p. 3809. Entrevistado 2).
Trabalho na infância	"Minha infância foi uma infância de uma criança no meio rural, na qual fez todas as atividades do meio rural. [...] Tinha atividade de trabalho e atividade de lazer, de brincadeira como nós chamamos lá, no interior, no meio rural" (ANDRADE, 2019, p. 393. Entrevistado 3).
Trabalho na infância	"O trabalho como nós morava numa fazenda, nosso trabalho foi sempre cuidar de animais, de animais bovinos, equinos e caprinos e ovinos. Nessas fazendas tinha esses quatro principais animais, né? Que a gente chamava cavalo, boi, ovelha e bode. E durante essa infância, essa minha infância que a gente cuidava dos animais. Cuidava como? Pastorava. O que é pastorear, né? Isso é importante a gente relatar. Pastorear é você colocar um animal em um piquete, capinera e ficar só naquela parte, não deixar escapar. Isso é um trabalho da gente" (ANDRADE, 2019, p. 393. Entrevistado 3).
Trabalho na infância	"A minha infância com doze anos [...] Foi uma época que eu precisei, eu pulei da infância e passei a ajudar meu pai nas atividades que ele fazia [...] Vaqueiro, aqui no nordeste e aqui também no município de Pentecoste, é a pessoa responsável que vai ao mato, corre atrás de animais no mato, gado. Pega os animais de um cercado de um piquete repassa para outro. [...] a gente fazia/transportava gado de um município para outro [...] Eu também passei a desenvolver uma atividade que foi o tirar leite, eu passei de doze até dezoito anos" (ANDRADE, 2019, p. 395. Entrevistado 3).
Trabalho na infância	"em torno de quinze anos, eu fui um período que fui joquei, né? O que é ser joquei, né? Joquei é uma pessoa que anda nos animais da região, né? E eu era um cara que gostava muito disso, mas sempre a mãe e o pai dizia "só vai ser joquei durante um período [...]porque no período de aula vocês não podem ir" (ANDRADE, 2019, p. 386. Entrevistado 3).
Trabalho na infância	"Era triste, pra mim, ter que interromper. Um certo ano eu tive que parar de estudar pra ir pescar num açude no município de Tejuçuoca, no açude do Boqueirão" (ANDRADE, 2019, p. 428. Entrevistado 5).
	"O mundo lá, é aquilo ali, fechado, você é filho de agricultor, vai estudar até a quarta série que é o que era promovido/oferecido na Canafístula e em seguida você vai

	voltar para a roça novamente. Então como se procedia lá em casa: manhã, para quem estudava à tarde, manhã ia pro roçado e a tarde ia para a escola. Quem estudava pela manhã, à tarde ia para a escola" (ANDRADE, 2019, p. 432. Entrevistado 6).
Falta de escola na comunidade	"Então, eu entrei na escola aos seis anos. A escola era distante [...] em torno de quase dois quilômetros [...] eu ia a pé com os demais, meus irmãos e outras pessoas da comunidade[...] Até a quarta série, eu estudei [...] na casa da professora, primeiramente, depois na minha casa mesmo e era uma sala reservada para que acontecessem as aulas, porque não tinha pré-escolar na comunidade [...] Serrinha aonde né? eu estudei é... nesse período" (ANDRADE, 2019, p. 367. Entrevistado 1).
Falta de escola na comunidade	"A gente tava numa comunidade que tinha/não tinha por exemplo, não tinha televisão, era longe a televisão onde tinha, tipo dois quilômetros [...] então eu lembro demais de como a gente ficava/todas as tardes a partir de cinco horas assistindo programas políticos, não é? programas que tratavam de questões políticas para a gente se informar, pra gente entender né? é... eu gostava daqui e o meu pai gostava tanto daquilo quanto da 'Voz do Brasil' que era um programa informativo [...] Então a gente era muito antenado com essa questão da informação, isso para a gente era como escola" (ANDRADE, 2019, p. 369. Entrevistado 1).
Falta de escola na comunidade	A gente estudava, recebia o módulo e estudava em casa e ia na Secretaria de Educação, não era numa escola, era na Secretaria de Educação para poder fazer as avaliações [...] E nessa época, imagine, a minha mãe, ela não deixava, ela não concordava que eu viesse, por exemplo, de bicicleta até Pentecoste que era em torno de 17 quilômetros né? que era a distância entre a minha casa e Pentecoste" (ANDRADE, 2019, p. 371. Entrevistado 1).
Falta de escola na comunidade	"Eu passei o ano inteiro fazendo isso né? ia no carro e, às vezes, a gente tinha que fazer duas ou três provas mas tinha que fazer só uma porque o carro já ia voltar, não é? Aí eu fui amadurecendo, fui aprendendo [...] isso me trouxe já outro amadurecimento [...] um pouco mais de autonomia, então eu passei, eu acho que dois anos e meio, é... e conclui esse curso" (ANDRADE, 2019, p. 371. Entrevistado 1).
Falta de escola na comunidade	"gente tinha que estudar mesmo em casa, exigia um esforço, exigia uma força de vontade mesmo, muito grande. E eu lembro que a gente era em torno de 50 alunos e é... efetuaram a matrícula inicial, e nós tivemos três alunos que conseguiram concluir [...] O curso supletivo ele não tem tempo para você terminar" (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 1).
Falta de escola na comunidade	"Fui o único na família que tive a oportunidade e interesse de estudar desde pequeno. [...] Comecei a estudar tabuada com 3 anos de idade em casa mesmo, depois quando intentei 5 anos fui estudar na casa de uma senhora [...] Era uma casa normal onde se juntava um grupo de pessoas para ela ensinar [...] e a gente foi aprendendo a ler e a escrever. Depois a prefeitura montou um colégio e ela foi dar aula nesse colégio e levou todos os alunos para quem ela dava aula na casa dela. Isso foi muito bom porque a gente se sentiu útil de estar numa escola de verdade" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2).
Falta de escola na comunidade	"terminei a quarta série do ensino fundamental. Houve uma reunião das professoras para a transferência de alunos, porque essa escola da comunidade da Capivara só tinha até a quarta série" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2).
Falta de escola na comunidade	"os alunos que terminavam a quarta série na Capivara passavam a estudar em Cacimbas. Foi aí que fui transferido para lá e comecei a fazer quinta série como o sistema TVE, que um ano depois passou a ser o sistema TVC. Era um sistema de televisão, com uma aula apresentava pela TV e depois a gente debatia os tópicos que estudávamos. [...] eu estudava até a tarde e tinha um transporte escolar que transportava os alunos da minha comunidade até Cacimbas. [...]E a gente fazia esse percurso muitas vezes a é, quando não tinha carro" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2).

Falta de escola na comunidade	"vida estudantil começou [...] A mãe era professora [...] na comunidade de Boa Vista que fica mais ou menos a oito ou dez quilômetros. [...] Ela me levava - todos os dias - para a aula e foi onde também eu iniciei minha vida estudantil, né? Depois que fiz, acho que carta de ABC e tabuada, e fui estudar, fazer alfabetização, num coleginho na comunidade de Cipó" (ANDRADE, 2019, p. 394. Entrevistado 2).
Falta de escola na comunidade	"comunidade de Cacimbas, no qual foi o colégio que eu vim estudar, né? O fundamental dois [...] Nesse colégio nós tínhamos muitos amigos, muitos amigos, muitas turmas. Você imagina um local que concentrava todos os jovens daquelas regiões, de comunidades como Parnaíba, Boa Vista, Cipó, Tamarina, Capivara, todos os jovens daquelas regiões, como era o único local que tinha quinta à oitava série, concentrava naquela/naquela comunidade. [...] mas durante todo esse período de estudo, foi um período no qual eu deslocava em torno de três ou quatro quilômetros a pé todos os dias" (ANDRADE, 2019, p. 396. Entrevistado 3).
Falta de escola na comunidade	"Não tinha ensino médio naquela/no interior de Pentecostes, ou no interior ali do Matias que nem nós chamamos. [...] Foi no ano em que a primeira vez ouviu falar em transporte. Transportar o transporte para levar os alunos para estudar em escolas. [...] Meu avô estava morando em Pentecoste, e foi um período que eu fui pra Pentecoste morar junto com ele porque precisava de uma pessoa para colaborar nas atividades do meu avô" (ANDRADE, 2019, p. 396. Entrevistado 3).
Falta de escola na comunidade	"Surgiu a escola no Cipó, que feita pelo prefeito [...] uma escolinha onde só tinha uma sala de aula e lá funcionava manhã e tarde [...] Eu estudei com a minha mãe durante alguns tempos né, estudei também com a filha do seu Arão" (ANDRADE, 2019, p. 410. Entrevistado 4).
Falta de escola na comunidade	"Eu sabia que ia ter como eu ir para Pentecoste e estudar lá, mas no momento eu fiquei pensando [...] eu não tive coragem de deixar ela fazer a minha matrícula [...] Beto, e ele chegou a ir. [...] mas por lá ele passou algumas dificuldades, né? Porque nós éramos família pobre, ele usava havaianas para ir para a escola e os alunos começaram a fazer mangofa (sic) dele e essas coisas [...] E daí então foi que eu realmente percebi que nós realmente tínhamos que acreditar em um grupo de estudos" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).
Falta de escola na comunidade	"Algumas pessoas tinham que ir lá para Pentecoste pagar bem caro e lá não, esse curso acontecia sem nenhum pagamento, cada pessoa participava de duas aulas durante a semana e existia um tempo x para você realizar as suas atividades" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Falta de escola na comunidade	"eu lembro que nessa época a gente não tinha escola naquela região, a escola que se tinha era em Pentecoste, ficava a 15km, então tinha uma prima nossa que morava lá perto, ela tinha passado um tempo em Fortaleza e aprendeu, se alfabetizou, fez a segunda, terceira série. Comparada com a gente, ela tinha um certo conhecimento. E ele pagou ela pra nos alfabetizar. Nessa época era eu e mais minhas duas irmãs mais velhas" (ANDRADE, 2019, p. 422 Entrevistado 5).
Falta de escola na comunidade	"Eu lembro que aprendemos as primeiras letras do alfabeto com ela. Não, me engano, tinha uma senhora que a gente tinha sido alfabetizado, ela já deu um certo adiantamento, aprendendo a ler um pouco. Após ela, eu lembro que a gente foi estudar numa escola que ficava do outro lado do açude. Ia eu e minhas duas irmãs, eu remando, acostumado a remar canoa, um pequeno barco" (ANDRADE, 2019, p. 422. Entrevistado 5).
Falta de escola na comunidade	"Eu ia remando em torno de quase 1km na água, remando, remando. Quando chegava lá, a gente andava mais uma meia hora pra chegar na escola, e ali eu lembro que eu fazia o que hoje é equivalente ao primeiro ano, não cheguei nem a terminar. Depois disso eu fui estudar na Capivara, localidade distante 5 ou 6km de onde eu morava, quando eu comecei ia todo dia a pé. [...] Comecei lá na segunda série, e lá eu fiz até a sétima série [...] eu passei a fazer parte do grupo que hoje a gente conhece como grupo do PRECE, que foi iniciado em 1994" (ANDRADE, 2019, p. 422. Entrevistado 5).

Falta de escola na comunidade	"E, aos sete anos, foi o meu primeiro contato com escola, seria então minha pré-alfabetização [...] eu ia pra uma casa, uma casinha a gente caminhava em torno de três quilômetros e meio, passar a tarde lá com a professora, que era uma dona de casa, uma sala da casa dela era nossa escola. [...] ser alfabetizado na Canafístula. Dentro desse período, que assim, meus irmãos todos estudavam, já tinham sido alfabetizados" (ANDRADE, 2019, p. 431. Entrevistado 6).
Falta de escola na comunidade	"Comecei a estudar no início da década de 80, fui alfabetizado no alpendre de um casarão. [...] pai comprar minha cartilha do ABC, que foi a única coisa que eu levava nos primeiros dias de aula porque meu pai não tinha dinheiro para comprar os outros materiais" (ANDRADE, 2019, p. 447 Entrevistado 7)
Falta de escola na comunidade	"Quando eu saí dessa escola [...] fui para uma escola que era só uma classe misturando as pessoas de diferentes níveis. No segundo grau, comecei a estudar uma escola da minha comunidade. [...] eu me matriculei em outra escola que tinha da quinta à oitava série, em Cacimbas. Era um ensino através da TV" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7).
Falta de escola na comunidade	"Lembro que caminhava uma hora a pé até a escola, às vezes pegava uma carona na ida e na volta. Às vezes ia para a escola sem comer nada" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7).
Construção do grupo	"Quando foi em 94 [...] o professor Andrade [...] disse: "Olha Toinho, eu tenho uma ideia de trabalhar com educação [...] o futebol é uma estratégia boa, mas não é suficiente [...] são meus amigos de infância e eu vejo aqui que a situação tão dura e tão difícil, e a ideia é que a gente faça alguma coisa que a juventude de hoje [...] a ideia é que a gente trabalhe com educação aqui na comunidade" (ANDRADE, 2019, p. 375. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"Então essas pessoas que ele foi conversando, elas foram entendendo o que era a proposta, era para formar um grupo de estudos para as pessoas estarem estudando. E daí a gente começou em outubro a sistemática no grupo de estudos, daí assim, começou a se definir essa questão do grupo" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"Daí esse grupo era composto por pessoas que tinham, somente eu tinha experiência com ensino médio através do Logus 2. Os outros eram pessoas que tinham ensino fundamental completo, outros incompletos [...] Essa época a gente fazia tudo na casa de farinha, tanto o curso de datilografia quanto o curso funcionavam na casa de fazer farinha. Era uma casa de farinha que foi construída pela associação né? na época o Adriano era presidente" (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1) .
Construção do grupo	"Então esse grupo não é? ele foi criando uma identidade [...] a gente buscava se ajudar bastante, se ajudar com o incentivo, trazendo a palavra de ânimo quando a gente tava,(sic) quando algum de nós tava,(sic) é... Desanimando [...], a gente se apoiava muito, então era um grupo que tinha, na conversa, não é? essa convivência que nos possibilitava a gente ir se fortalecendo, quando a gente tava(sic) com dificuldade o outro dava uma palavra legal "vamos continuar, vamos perseverar" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"Isso não durou muito tempo porque esse grupo começou a desenvolver também né? uma relação de saber, de aprendizado, de colaborar com as escolas da comunidade, isso foi um ponto fundamental para a gente. Por quê? Porque nós fomos adquirindo conhecimento, fomos acumulando conhecimento" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"No grupo, quem ia em casa sempre trazia alimento [...] quando a gente saía, isso já era um sinal do comprometimento né?: "Olha, eu me preocupo com quem tá lá também" e isso era fortalecer a identidade desse grupo né? ou seja, unir esse grupo"(ANDRADE, 2019, p. 380 Entrevistado 1)
Construção do grupo	"Andrade: "Olha, vamos trabalhar só com educação" então vamos deixar a, a associação para quem quiser tocar né? mas de qualquer modo a gente vai se focar

	na educação né? agora: "Tá bom né? que nome?", ai foram surgindo vários nomes e o nome que ficou, que foi aceito foi Projeto Educacional Coração de Estudante, que a sigla passou a ser PRECE [...] E daí, então nós passamos a constituir o grupo e também juridicamente, a gente foi no cartório reconhecer no papel" (ANDRADE, 2019, p. 380. Entrevistado 1).
Construção do grupo	"Foi aí que o Andrade chegou, era muito difícil ele aparecer, com um sonho de montar um sistema de grupo de estudante para estudar e fazer universidade. Esse sonho dele tocou nossos corações.[...] Era um sonho dele montar esse de escola, porque na época ele se sentiu incomodado com o sistema que não tinha perspectiva de vida, e le pensou muito na futuro dos jovens daquela época. De início a gente ficou meio temeroso, mas como a empolgação dele foi tão que moveu nossos corações e nos fomos morar lá." p.389 (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).
Construção do grupo	"Foi fácil a convivência porque todos se conheciam, nos tornamos irmãos. O PRECE foi e é um marco grande na minha vida, foi onde eu aprendi a conviver, aprendi muita coisa [...] O PRECE foi uma coisa muito importante." (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Construção do grupo	"O PRECE chegou naquela comunidade do Cipó [...] é que o PRECE já vinha numa história de campeonatos, de integração das pessoas, integração" (ANDRADE, 2019, p. 398. Entrevistado 3).
Construção do grupo	"O Andrade, tava querendo montar um grupo para umas pessoas estudar [...] A gente pensou que estudar era estudar e tivesse um professor, tivesse uma pessoa que soubesse um pouco mais que a gente e ia lá e dizia as coisas" (ANDRADE, 2019, p. 398. Entrevistado 3).
Construção do grupo	"Sempre a gente teve uma alimentação regular na nossa família, mas os meus colegas que vinham de comunidades de dez quilômetros, [...] mas mesmo assim a gente trazia alimentação de casa para a gente fazer lá na casa de se fazer farinha" (ANDRADE, 2019, p. 400. Entrevistado 3).
Construção do grupo	"O Andrade chamou a minha mãe, o meu pai, os pais do Nacélio, e o Du, para conversar um dia lá na casa do seu Arão, domingo à noite, na cozinha, lembro muito como se fosse hoje, para falar sobre uma possibilidade de formar um grupo de estudo. Mas, eu pensei, "formar esse grupo de estudos como?", se nem de nada a gente sabia, não sabia fazer praticamente nada, eu tinha apenas aquele pedaço do papel na mão que seria o certificado" (ANDRADE, 2019, p. 413. Entrevistado 4).
Construção do grupo	"O Andrade chamou outras vezes para conversar e acreditamos naquela conversa. Nesse momento eu ainda não tinha idade para começar o ensino médio, né? Porque aqui em Fortaleza nós precisávamos vir para fazer o supletivo" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).
Construção do grupo	"no caso eu, o Eudimar, conhecido como Du, Nacélio e o Beto, porque nós éramos os quatro alunos que vinham da escola das Cacimbas, da Escola Manuel Sales, e fomos as pessoas que foram participar do PRECE. Mas no primeiro momento o Nacélio não foi participar com a gente né, só depois de um tempo" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).
Construção do grupo	"Isso fortaleceu e deu certo. Hoje né, todos praticamente já venceram, já estão estabilizados. E assim, é por isso que eu digo assim, que você não deve deixar de lembrar das coisas boas e das dificuldades que você passou né, porque assim, as vitórias são muito mais saborosa quando é com luta" (ANDRADE, 2019, p. 416. Entrevistado 4).
Construção do grupo	"o Andrade me chamou [...] falou de todos os seus planos com relação à criação do PRECE. Foi uma proposta que veio realmente como resposta para aquilo que eu estava procurando. "Vocês vão ter a oportunidade de reunir um grupo nessa casa de farinha, vocês vão ter dificuldades, com certeza, mas se vocês souberem passar por essa oportunidade, vocês vão vencer, vocês vão ser universitários, vocês vão ter o nível superior, vão ser profissionais, vão ganhar o dinheiro de vocês, vão construir uma vida mais digna pra vocês, pra família de vocês". E aquilo ali era um

	sonho que eu tinha em mente que achava muito difícil de conseguir" (ANDRADE, 2019, p. 423. Entrevistado 5).
Construção do grupo	"Um ano e meio depois, eu sempre em contato com o Andrade, ele me disse: "Poxa, nós estamos montando um grupo aqui no Cipó, vem tirar dúvidas aqui do supletivo, fazer suas provas". [...] Aí, que eu digo: "Aí eu vou, essa semana eu vou". Na outra semana eu: "Não vim, não, mas na próxima semana eu vou. E eu vou, e eu vou". Sei que chega outubro, novembro, ele disse: "Final, tu vai ou não vai?", eu disse: "Vou". Ele disse: "Olha, nós estamos montando um grupo para morar lá", e eu disse "Vou" (ANDRADE, 2019, p. 435. Entrevistado 6).
Construção do grupo	"Eu já conhecia o Cipó porque eu já tinha ido lá algumas vezes fazer o curso de datilografia com o professor Toinho. Depois o Du veio me falar que tinha iniciado um projeto educacional no Cipó com o professor Andrade. [...] Eu gostei do debate sobre história, daquele grupo compartilhando, conversando" (ANDRADE, 2019, p. 449. Entrevistado 7).
Construção do grupo	"Ali a gente dividia todas as atividades, as discussões, os debates fortes, como em qualquer ajuntamento de pessoas sempre tem esses probleminhas, essas discussões" (ANDRADE, 2019, p. 451. Entrevistado 7).
Estratégia De estudo	"A gente estudava, a nossa sistemática era a seguinte: "Vamos ler, certo, aqui o assunto do capítulo do livro, nós vamos discutir e nós vamos responder as questões que são colocadas ao final", então sempre essa sistemática, lia, fazia um debate" (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1).
Estratégia De estudo	"quando dava entorno de a gente começava seis e meia, por aí né? quando dava oito horas, lembro, a gente tinha um radinho lá, não sei quem doou aquele radinho quebrado mas ele era muito bom né? Aí oito horas terminava a Voz do Brasil né? de sete às oito, cê (sic) não tinha música, quando dava oito horas, tinha um programa lá, um programa de forró, então aquilo era certo, toda noite, e daí juntava a gente com o pessoal que trabalhava na casa de farinha não é? trabalhava no seu Arão e vinha para a casa de farinha, e outras pessoas também da comunidade e fazia aquele momento de conversa né? deixava o rádio tocando. Aí daqui a pouco: "Pessoal agora a gente vai retomar os estudos né?", aí desligava o rádio, voltava, estudava mais uma meia hora ali, né? uma hora, e encerrava. Então isso era sistemático também, o pessoal já sabia, toda noite, então eles não bagunçavam porque já sabiam" (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1).
Estratégia De estudo	"A gente montava o grupo na mesa e pegava um livro de história, lia os tópicos e depois debatia os tópicos. Daí formou-se um grupo de estudantes. [...] A gente montou esse grupo de estudantes e tornou-se uma família, agradável [...] e assim a gente conviveu muito tempo, jogava bola junto, discutia sobre futebol" (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).
Estratégia De estudo	"E foi isso que aconteceu, ele montou o sistema e ensinou como tinha que estudar e os alunos vinham com o sonho de estudar para passar na universidade e voltar pra ajudar a turma. E é isso que está acontecendo hoje, os alunos passam e voltam pra ajudar os outros, que estão engatinhando, a se levantar e passar no vestibular para entrar na universidade" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Estratégia De estudo	"Bem quando foi o sábado que o Andrade chegou, ele perguntou se a gente tinha estudado: " E durante essa semana?" Interessante que durante essa semana nós fizemos uma programação para estudar duas horas toda noite, nessa primeira semana. E durante uma hora para a outra a gente tinha um intervalo de quinze minutos, intervalo no qual tinha um sonzinho que a gente colocava umas músicas [...] aconteceu desse jeito a primeira semana do PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 399. Entrevistado 3).
Estratégia De estudo	"A gente estudava pela manhã, fazia as atividades em casa e a tarde a gente vinha bater um futebol junto com todos os colegas daquelas comunidades" (ANDRADE, 2019, p. 400. Entrevistado 3).

Estratégia De estudo	"E lá ele botava a gente para estudar na semana e quando chegasse o final de semana, nós tínhamos que falar alguma coisa daquele livro para ele, e assim eu particularmente tenho medo até de falar, né? Porque assim, nós não sabíamos muitas vezes nem pronunciar as palavras que estavam dentro do conteúdo do livro" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 3).
Estratégia De estudo	"Lembro que o Andrade disse: "Se não está dando certo assim, vão morar na casa de farinha". Eu acho que era uma vontade dele que realmente se morasse ali, porque ali ia se criar um grupo que ia viver o dia-a-dia, que ia vencer as dificuldades juntos" (ANDRADE, 2019, p. 423. Entrevistado 5).
Estratégia De estudo	"Normalmente a gente tinha o hábito de estudar a manhã todinha, logo no início, à tarde a gente estudava até 4h, depois ia jogar um futebolzinho." (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Estratégia De estudo	"A gente tinha um esquema de estudo de passar a tarde estudando, escolhia um horário pra se reunir, discutir e compartilhar conhecimentos" (ANDRADE, 2019, p. 425. Entrevistado 5).
Estratégia De estudo	"Foi um esquema de estudo muito forte, tanto que eu concluí os módulos de química e fiz o primeiro módulo de física" (ANDRADE, 2019, p. 426. Entrevistado 5).
	"o PRECE já funcionando a pleno vapor, nós estudávamos já com um grupo formado, eram meus irmãos. [...] estudávamos, desenvolvendo nossas atividades. Aqueles que tinham mais habilidade para ensinar algumas matérias, eles iam ensinando. Alguns conheciam mais de matemática, português, história, biologia, geografia. Na maioria das vezes os meninos iniciavam os debates daqueles assuntos" (ANDRADE, 2019, p. 451. Entrevistado 7).
Busca por oportunidade	"A minha irmã, como era professora, ficou sabendo da primeira turma do supletivo em Pentecoste [...] era uma prova seletiva né? você só poderia fazer esse curso se tivesse uma aprovação nessa prova [...] passei, dentro da média [...] comecei o curso. Então daí começou a mudar um pouco [...] o meu [...] conhecimento e a minha relação com outros espaços" (ANDRADE, 2019, p. 371. Entrevistado 1).
Busca por oportunidade	"falei pros meus pais [...] acho que eles viam nisso também uma oportunidade né? pelo fato de conhecerem o professor Manoel Andrade, de ser o comprometimento dele com a educação" (ANDRADE, 2019, p. 375. Entrevistado 1).
Busca por oportunidade	"o Andrade: " Você vai morar aqui com os meus pais, é..., por enquanto tá só você, e a sua tarefa é visitar as comunidades e nós vamos oferecer para essa juventude um curso de datilografia né? aquele curso que você fez, agora vamos repassar para os demais" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Busca por oportunidade	"também dava aula de educação física para o time de futebol da Capivara. Terminei o primeiro grau e surgiu a oportunidade de eu ir para o PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 388. Entrevistado 2).
Busca por oportunidade	"o Andrade, tava querendo montar um grupo para umas pessoas estudar [...] A gente pensou que estudar era estudar e tivesse um professor, tivesse uma pessoa que soubesse um pouco mais que a gente e ia lá e dizia as coisas" (ANDRADE, 2019, p. 398. Entrevistado 3).
Busca por oportunidade	"professor Manoel Andrade [...] me deu um desafio de colaborar com um jovem que morava nessa casa pertencente a igreja presbiteriana [...] Além de estudar durante todo o dia com os jovens que estavam nessa casa pertencente a igreja, teve um projeto[...]e também fui aprovado para participar" (ANDRADE, 2019, p. 402. Entrevistado 3).
Busca por oportunidade	"Comecei a frequentar o PRECE, mas tinha a questão de como eu iria terminar o primeiro grau. Como eu já fiquei no PRECE direto, eu parei de ir para a escola convencional. Nós conversamos e o Andrade começou a me dar umas orientações e eu fui fazer o supletivo em Pentecoste" (ANDRADE, 2019, p. 449. Entrevistado 7).

Busca por oportunidade	"eu falei para os meus pais que eu ia ficar estudando no PRECE. Foi uma decisão difícil porque eu sabia que ia sofrer, mas entre o sofrimento e parar de estudar, eu decidi ficar no grupo. [...] fiquei realmente dependente dos meus amigos em todas as situações, foi um momento muito difícil pra mim." (ANDRADE, 2019, p. 449. Entrevistado 7).
Falta de perspectiva	"na comunidade, os meus estudos, só tinha até a quarta série [...] não tinha como continuar estudando ou seguindo adiante nos estudos na comunidade, não tinha nem o tele ensino que na época era uma [...] possibilidade para a zona rural mas na nossa região não tinha. E para ir para a cidade era muito difícil porque tinha que ter conhecido lá e mandar o filho e a gente não tinha, tinha uns conhecidos [...] Daí eu estudei 3 anos repetindo a quarta série, a cada ano era aprovado, no ano que vem eu vou de novo [...] somente para não abandonar a escola, eu gostava muito de estudar [...] por volta dos 13 anos [...] parei completamente porque né? já tinha repetido umas três vezes a quarta série. Bom, daí eu fiquei centrado, é: "não, então eu vou ficar trabalhando com meu pai" (ANDRADE, 2019, p. 368. Entrevistado 1).
Falta de perspectiva	"Na época que terminei o ensino fundamental, como não tinha perspectiva de vida, como a gente via que terminava o ensino fundamental e pensava logo em arrumar um emprego pra se sustentar. Eu tinha desejo de vir trabalhar em Fortaleza, só que surgiu o PRECE, com outros sonhos de vida. Lá em Pentecoste não tinha trabalho, o único trabalho que tinha era para professor. Com o desejo de vir trabalhar com o ensino fundamental a gente achava que já tinha o conhecimento de tudo e que ia conseguir vencer com isso" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Falta de perspectiva	"Minha própria mãe, às vezes não entendia direito por que estudar. Ela não foi uma incentivadora de as minhas irmãs estudarem, porque ela achava que mulher não ia exercer uma função importante estudando, ela entendia que não era o adequado, eu não consigo compreender até que ponto isso é verdade. A única pessoa da minha família que eu vejo expressar esse sentimento de orgulho e satisfação é minha mãe. Quando eu comecei a estudar, foi muito difícil, porque eu tinha que trabalhar pra sustentar a família" (ANDRADE, 2019, p. 428. Entrevistado 5).
Desejo de estudar	"Minha trajetória [...] familiar, ela é muito agradável [...] era uma vida simples, [...] com muita alegria, é... trabalhava com meu pai na agricultura e sempre gostei de estudo, desde criança mesmo" (ANDRADE, 2019, p. 367. Entrevistado 1).
Desejo de estudar	Então assim, eu sempre tive um esforço né? essa vontade de aprender, então teve uma época que eu dava aula no Coelho que era 13 quilômetros né? 26 para ir e vir, e à tarde, duas vezes por semana, eu ia pro Cipó [...] de bicicleta, pra fazer um curso de datilografia [...] aquilo para mim era muito significativo, então eu terminei o curso de datilografia também pela associação no Cipó. [...] recebi o certificado [...] o certificado para mim valeu muito" (ANDRADE, 2019, p. 375. Entrevistado 1).
Desejo de estudar	"E os jovens também tinham esse sonho, mas não tinham preparação devida então decidiram ir para Cipó. Foi um ano inteiro de preparação, então nós tivemos uma aprovação maior no grupo que tava concorrendo" (ANDRADE, 2019, p. 384. Entrevistado 1).
Desejo de estudar	"Estudar é muito bom, apesar de no passado eu ter tido esse desestímulo, eu nunca perdi o contato, o desejo. [...] Estava no meu sonho que ficou no passado, mas o desejo de voltar para cooperar é muito grande, exatamente porque eu tenho essa convivência na comunidade que não vai perder nunca. [...] Eu saí do PRECE porque eu precisava trabalhar pra sustentar minha família, porque eu estava sem perspectiva e minha mãe não ia me sustentar" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Desejo de estudar	"As dificuldades eram enormes e o meu sonho era continuar estudando" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7).
Falta de incentivo nos estudos	"Quando eu cheguei em casa eu disse para a mãe: "Eu tô indo morar no Cipó" [...] Ela fez de conta que nem ouviu [...] Então assim, passei a semana sem vir em casa, vim depois da semana. Na primeira conversa que o Andrade teve com ela, aí pronto,

	ela mudou, ela começou a acreditar, começou a apoiar, começou a ajudar mesmo dentro do que ela podia." (ANDRADE, 2019, p. 435. Entrevistado 6).
Falta de incentivo nos estudos	"Meus pais e meus tios diziam que eu já tinha aprendido a ler e já estava bom de parar, só que eu queria dar uma sequência no meu estudo, eu pensava em terminar pelo menos o meu segundo grau" (ANDRADE, 2019, p. 448. Entrevistado 7).
Satisfação por compartilhar	a gente tinha essa movimentação toda era convidado para festas nas comunidades [...] lembro a gente cantava um pouco [...] E era mais um aspecto de que esse grupo tinha potencialidade [...]de fato, tinha essa interação com as comunidades [...] e isso nos gerava também uma satisfação enorme né? nos fazia muito bem" (ANDRADE, 2019, p. 381. Entrevistado 1).
Satisfação por compartilhar	"Porque assim, eu tinha pena deles, quantas vezes eu já cheguei lá e via eles comendo farinha com açúcar. E as redes deles, sem condições, eu levava para lavar as roupas, cuidava, lavava, engomava, porque assim, para mim eles eram, ainda são até hoje como se fossem meus irmãos" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Satisfação por compartilhar	"Eu tive uma relação muito próxima com Pentecoste, porque todas essas atividades eram muito atraentes pra mim" (ANDRADE, 2019, p. 427. Entrevistado 5).
Julgamento da comunidade	"mas também tinha desincentivos enormes não é? Tipo, diziam: "Á, mais que povo preguiçoso não é? não tem coragem de trabalhar e fica dizendo que ta estudando, não tem coragem de ajudar os pais". [...] e as pessoas só viam o imediato, né? Então esse imediatismo fazia com que as pessoas da comunidade tivessem esse olhar." (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).
Julgamento da comunidade	"Assim, eu seria uma pessoa muito protegida, né? E também, ao mesmo tempo apontada pelos outros, né? Porque eu seria a única mulher no meio daqueles tantos homens. Mas ao mesmo tempo eu estava protegida, pois eu estava ao lado do meu irmão e a casa do seu Arão era próxima, e a minha família ficava bem perto" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).
Julgamento da comunidade	"eles deixavam para ir a noite para o pessoal da comunidade não ver eles passando com as bicicletas e ainda diziam assim pras pessoas da comunidade, além de viverem, porque algumas pessoas da comunidade chamava a gente de os desocupados, os vagabundos, que iam virar gays, que ia acontecer isso, que ia acontecer aquilo" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Julgamento da comunidade	"no Cipó, quando eu venho morar e formar esse grupo, vem outras dificuldades, atribuições. Eram um bando de preguiçosos, para os mais malvados, alguns gays. Na boca de algumas pessoas o Toinho era gay, para a Canafístula, algumas pessoas eram gays, então o resto também é, né? "Poxa, tem dois gays lá, então o resto também é". Isso foi forte e o que fortaleceu no nosso grupo de estudo, naquele momento. Porque a gente passava a tarde conversando, várias vezes a gente sentava duas horas para estudar, quando dava quatro horas a gente não tinha estudado quase nada, conversando. Com o passar do tempo a gente percebeu que aquelas horas de conversa não eram perdidas, era onde fortalecia nosso grupo" (ANDRADE, 2019, p. 444. Entrevistado 6).
Dificuldades iniciais	"então os meninos moravam em cinco pessoas, seis, e essa parte de alimentação é... Não era uma grande coisa, não era, é... Era difícil, muitas vezes não tinha" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).
Dificuldades iniciais	"nesse primeiro período né? o primeiro momento, o primeiro ano, essa dificuldade né? de "é isso mesmo? será que a nós tamo (sic) no caminho certo?" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).
Dificuldades iniciais	"Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação a alimentação. A gente mesmo juntava os familiares e algumas pessoas vizinhas e fazia o esquema de fazer o próprio almoço" (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).

Dificuldades iniciais	"Era difícil porque não existia um esquema de alimentação, na casa de farinha, principalmente água, era difícil. Nossos pais eram pessoas com condições financeiras muito difíceis. [...] Não tinha dinheiro pra nada. Algumas pessoas tinham mais dificuldade ainda. Meu pai, por exemplo, não tinha condição de me ajudar, nem minha mãe" (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Dificuldades iniciais	"Era muito difícil passar todas as semanas passar em frente a minha comunidade em direção à casa do meu pai, pegar alimento, as pessoas olhando pra mim, era muito doloroso pra mim" (ANDRADE, 2019, p. 429 Entrevistado 5).
Confiança no Professor Andrade (referência)	"Andrade sempre foi uma grande liderança [...] isso ajudava o grupo a ter credibilidade [...] Nós temos o trabalho do Andrade que era um trabalho consistente [...] e esse trabalho do próprio grupo, que agora tomava uma identidade e passava a ter uma relação com a comunidade, na forma de auxiliar" (ANDRADE, 2019, p. 379 Entrevistado 1).
Confiança no Professor Andrade (referência)	"Aí o PRECE veio com outra atitude, com outro sistema, mostrar o que é a realidade. [...] Aí teve o sonho de estudar no PRECE, que seria uma preparação para o futuro, Andrade mostrou que o ser humano, o jovem, tinha que ter uma faculdade, um conhecimento, uma formação, pra poder ter um bom emprego" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 1).
Confiança no Professor Andrade (referência)	"o professor Andrade, que deu incentivo na hora de dar incentivo, deu conselho, colaborou com um efeito de não é hora de fazer isso, mas tudo isso são oportunidades" (ANDRADE, 2019, p. 406. Entrevistado 3) .
Confiança no Professor Andrade (referência)	"Mas eu tinha uma confiança muito grande no Andrade" (ANDRADE, 2019, p. 423. Entrevistado 5).
Confiança no Professor Andrade (referência)	"ele desafiou para eu voltar a estudar. Eu já estava com quatro anos parado, então eu nem pensava em reatar. Não tinha tido essa oportunidade ou essa visão. Ele pa/ele, todo um argumento, né? "Poxa, você é um jogador profissional. Se você não for muito bem instruído seu empresário pode comer todo o seu dinheiro, fazer e tudo lá". E eu "poxa, é verdade" (ANDRADE, 2019, p. 434. Entrevistado 5).
Confiança no Professor Andrade (referência)	"Foi assim com todos os meus colegas, todos fizeram o ensino médio em um supletivo em Fortaleza. Nós vínhamos com o Andrade, era ele e sua família que providenciava tudo, nós ficávamos no apartamento dele, fazíamos as provas e depois voltávamos para o Cipó" (ANDRADE, 2019, p. 450. Entrevistado 7).
Apoio da comunidade	"O seu Arão e a dona Fransquinha me receberam bem [...]Lembro que a gente colocava a cadeira ali à noite pra ficar conversando no alpendre né? e eu gostei sempre de conversar com os mais velhos porque eu era o mais novo e lá na minha família o meu contato era com os mais velhos mesmos [...] Eu acho que osso ajudou no ponto da nossa relação, que era relação muito próxima né? morava na casa dele. Então isso foi uma experiência boa, rica para mim" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Apoio da comunidade	"lembro que como no cerão sempre tinha muita gente né? e o pessoal ia lá para a casa de farinha é:: pra se divertir, e a gente dizia: "Olha, vocês fiquem calados porque nós estamos estudando agora, viu", e daí o pessoal dizia: "Ora, besteira né?", mas enfim, o pessoal sempre respeitou a gente e entendia: "Não, esse horário a gente não faz barulho por aqui" (ANDRADE, 2019, p. 377. Entrevistado 1).
Apoio da comunidade	"Lembro que conseguiu-se um fogão de duas bocas, alguém doou, não sei se foi a dona Nenê, que é uma pessoa da comunidade, que teve uma grande importância na vida de muita gente, de todos nós [...] então tanto a dona Fransquinha quanto a dona Nenê eram os apoios, sobretudo na questão da orientação né? na questão da alimentação, porque assim, passaram a morar, traziam algumas coisas, mas era uma alimentação" (ANDRADE, 2019, p. 378. Entrevistado 1).

Apoio da comunidade	"nós ajudávamos financeiramente, assim, não em termos de dinheiro, mas em alimentação, a minha família, a família do Seu Arão, sempre o que estava disponível ajudava, em dormida, em rede, em qualquer que seja a coisa, porque assim, a minha mãe já tinha o emprego dela já mais ou menos fixo, Seu Arão tinha a família que estava em nível mais ou menos, e só existia aquelas duas famílias que mais apoiavam. E assim, existia duas famílias que nos apoiava [...] Mas era a minha mãe e a família do Seu Arão. Essas duas famílias não mediam esforços para apoiar"(ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).
Apoio da comunidade	"era muito comum também eu ir pra dona Neném, que é uma pessoa que me ajudou muito, ela morava pertinho, e não conto as vezes em que eu ia pra lá à tardinha, jantava, dormia e quando voltava de manhã pro PRECE já tinha merendando, e às vezes voltava meio-dia também. Foi uma pessoa que praticamente me criou ali, e eu agradeço demais, foi uma das pessoas que mais me ajudaram. Nos finais de semana, talvez pra não dispersar, o senhor Arão e a dona Fransquinha sempre nos ajudaram, a gente sempre almoçava e jantava por lá" (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Apoio da comunidade	"O PRECE já estava estabelecido, houve uma comunicação entre nós que estudávamos lá e o Andrade, dona Fransquinha e senhor Arão, e eles passaram a nos ajudar até em termos de alimentação" (ANDRADE, 2019, p. 449. Entrevistado 7).
Apoio da comunidade	"Os apoios começavam a chegar, as circunstâncias começaram a melhorar. Ali a gente tinha nossos momentos de diversão, conhecíamos uns aos outros muito bem" (ANDRADE, 2019, p. 451. Entrevistado 7).
Relação com a comunidade	"a gente começou a desenvolver essa relação com a comunidade né? que de certo modo era um retorno daquele grupo, para dizer: "Nós estamos aqui, nós estamos crescendo e podemos contribuir também". Então isso gerou um respeito enorme da comunidade um efeito muito grande" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Relação com a comunidade	"Na minha comunidade o PRECE se tornou uma coisa muito importante, tem um impacto muito grande, inclusive meus sobrinhos e minhas irmãs estão fazendo parte do PRECE. A alegria maior foi eu conversar com minha irmã e ela pedir informação sobre o PRECE. Eu contei várias histórias do PRECE, ela ficou empolgada e disse que era isso que ela queria para a vida dela" (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 2).
Valorização do Grupo	"a gente teve um momento de afirmação, "olha, o estudo aqui, é um estudo que tem resultado, ele dá certo, é possível conquistar o sonho de entrar na universidade né?". Então é, a gente fez uma festa pra comunidade: "Olha, ta aqui o nosso primeiro aluno, em primeiro lugar", então a comunidade foi e participou, a igreja sempre presente né? [...] minha família tava (sic) lá. [...], foi um momento para dizer para comunidade que aquele trabalho né? era um trabalho sério, de busca da realização dos sonhos, da perspectiva melhor de vida para cada pessoa que tava (sic) ali, naquele esforço de estudar e alcançar seus sonhos" (ANDRADE, 2019, p. 383. Entrevistado 1).
Valorização do Grupo	"E quando a primeira pessoa passou no vestibular que foi o Antônio Rodrigues né? O Toinho, conhecido como Toinho, começou a modificar aquela comunidade, a comunidade começou a acreditar né? Nós existíamos lá, que nós que fazíamos parte do PRECE, fazemos, a maioria das pessoas, elas fazem parte do PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Valorização do Grupo	"Então a gente ia porque a gente tinha essa necessidade de mostrar que estávamos evoluindo, que estávamos aprendendo alguma coisa" (ANDRADE, 2019, p. 444. Entrevistado 6).
Comprovação que daria certo	"Então o Francisco, ele fez o vestibular né? lembro como se fosse hoje para engenharia de pesca, que a identidade dele com a pesca era grande, ele era pescador, o pai dele era, é pescador [...] daí ele foi aprovado também, nossa, foi outra vitória imensa [...] Daí assim, foram essas coisas que foram fortalecendo o grupo, fortalecendo e o grupo começou a se ampliar, começou a ter pessoas

	interessadas a participar. Então, o grupo ficou muito tempo com 7/8 pessoas [...] E aí, a primeira grande mudança acontece no ano 2000, se não me falha a memória, que é quando o pessoal de Pentecoste resolve estudar aos fiéis de semanas em Cipó, e é com um grupo de aproximadamente 40 pessoas, comunidade pequena" (ANDRADE, 2019, p. 383. Entrevistado 1).
Comprovação que daria certo	"primeiros precisas que se formaram. Foi a resposta de um sonho, sonhado por um homem, se realizando, isso foi um impacto muito grande. Estava andando, se multiplicou, e pra mim é uma alegria muito grande ver que um sonho se tornou realidade" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
Comprovação que daria certo	"o único Carlos Roberto que tinha era eu. E quando saiu Carlos Roberto aprovado, eu sabia que tinha sido eu. E foi assim, um momento de alegria, um momento de saber que tava tendo uma nova oportunidade da vida, de vir a universidade e tava em dois cursos. Tanto em matemática e em agronomia. Isso eu fui para agronomia na UFC" (ANDRADE, 2019, p. 402. Entrevistado 2).
Comprovação que daria certo	"primeiro lugar para o curso de Pedagogia, na UFC. Isso foi uma bomba de incentivo para os demais que tinham ficado na casa de farinha. Eu particularmente recebi isso como uma coisa muito boa, porque eu estava querendo uma coisa que eu sonhava muito, que era entrar numa universidade, e às vezes eu nem mesmo acreditava que eu pudesse conseguir isso, ter condições de estudo, porque não era uma escola convencional que você tem uma receita de coisas que faz e no final das contas entrar na universidade, a gente era mais por nossa conta" (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Comprovação que daria certo	"Toinho, que já tinha o ensino médio. Ele fez o vestibular e foi o primeiro que passou. Isso ia nos fortalecendo como grupo, na certeza de que nós iríamos vencer" (ANDRADE, 2019, p. 450. Entrevistado 7).
Integração por meio do Futebol	"a gente passou a jogar o campeonato que era organizado pela é... professor Andrade. Eu conheci o professor Andrade através do futebol né? professor Andrade eu é o idealizador da PRECE [...] e aí foi o futebol que fez essa aproximação da gente conhecer outras pessoas [...] o futebol como a mediação de uma relação de amizade. [...] essa questão de usar o futebol como uma estratégia para a gente conhecer é... outros valores né? aproximar mais pessoas conhecendo mais pessoas. E a gente tem isso como uma questão cultural importante né? fazia parte de um lazer [...] comum a várias comunidades, o futebol ele foi aproximando pessoas, foi também é..., dando essa oportunidade da gente ir trocando idéias" (ANDRADE, 2019, p. 372. Entrevistado 1).
Integração por meio do Futebol	"Me envolvi também com o time de futebol, fizemos torneios, campeonatos e a gente mesmo que organizava. O Orismar era o locutor. Uma coisa que marcou foi que na época fizemos uma campanha de desarmamento, porque existia muita violência no futebol e o PRECE abraçou essa coisa e fizemos a campanha de desarmamento" (ANDRADE, 2019, p. 390. Entrevistado 2).
Integração por meio do Futebol	"Até então eu jogava futebol, saía todos os finais de semana, domingo à tarde, pra jogar futebol, e às vezes eu encontrava o Andrade nesses campos de futebol ali pelo interior, na maioria das vezes na Capivara, Tamarina, Cipó, Serrinha, e ele chegava pra mim e perguntava: "E aí, está fazendo o quê? Está estudando?". E eu dizia: "Estou estudando" (ANDRADE, 2019, p. 423. Entrevistado 5).
Integração por meio do Futebol	"Futebol foi por muito tempo, no Prece, um meio de educar. Nós tínhamos um time, participávamos do campeonato municipal de Pentecoste. Junto com o Andrade, a gente liderava, organizava o time de crianças e eu sentia uma carga muito pesada. Noberto não era uma pessoa agressiva em campo, nunca fui expulso de um jogo. Quando a gente jogava nas comunidades, era o Prece que estava jogando" (ANDRADE, 2019, p. 446. Entrevistado 6).
Futebol como lazer	"eu gostava muito de futebol [...] era apaixonado por futebol [...] comecei com 14, 15 anos, já jogar naquele time em que é o time principal da comunidade e daí da família, eu sou o mais novo, então é... os meus pais sempre tiveram um cuidado muito grande, é aquela história de á... né? é... um cuidado um pouco exagerado

	né? E eu lembro que com 14, 15 anos teve um campeonato em Pentecoste, e daí eu já jogava bem, jogava no time, mas aí para ir para Pentecoste é... meus pais disseram: "Não, não vai, tá?" (ANDRADE, 2019, p. 367. Entrevistado 1).
Futebol como lazer	"o esporte continuou né? então o campeonato acontecendo, depois a gente passou a participar de campeonatos na própria sede do município, então futebol é sempre um ponto relevante [...] Então a gente também tinha essa filosofia no futebol né? O futebol era representativo das ações do PRECE né? era um dos ideais do PRECE, e ele não era somente uma questão de lazer né? mas ele era além do lazer, uma questão de filosofia, de uma ideia"(ANDRADE, 2019, p. 384. Entrevistado 1).
Futebol como lazer	"tínhamos umas brincadeiras bem interessantes [...] a minha brincadeira principalmente era atirar de baladeira, ir para a escola, né? Que isso era uma obrigação [...] Um outro, jogar bola, né? Gostava muito de jogar bola, considerado lá no interior como viciado a pessoa a jogar bola. Jogava todos os dias" (ANDRADE, 2019, p. 393. Entrevistado 3).
Futebol como lazer	"aos quatorze anos eu passei a jogar, né? Como titular, do time de Capivara[...]joguei durante dois anos até os dezesseis anos na Capivara, né? E isso, foi um período de aprendizagem, de ter novas amizades, de conhecer novas pessoas dentro do município, conhecer outras comunidades, né? Gente que está no meio do futebol" (ANDRADE, 2019, p. 395. Entrevistado 3).
Futebol como lazer	"campeonato foi um marco assim né? na qual era do mesmo jeito que nem eu falei do futebol anteriormente, era um momento de integração das pessoas. me lembro muito bem no campo da Tamarina, conhecido, né? Que tinha época de ter mil pessoas ao redor" (ANDRADE, 2019, p. 398 Entrevistado 3)
Futebol como lazer	Como eu gostava de futebol e eu jogava todos os dias, de segunda a segunda, quando dava cinco horas, quatro e meia, cinco horas largava o livro, e era uma comunidade, como na época tinha muita né? adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia né? É:: a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos né? e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. [...]porque na verdade também era uma forma de lazer né? de divertimento, era uma forma da gente, é... sair da rotina [...] fazia um bem enorme mesmo" (ANDRADE, 2019, p. 372 Entrevistado 1)
Futebol como lazer	"Então começa a direcionar toda a minha vida em função do futebol, porque não tinha outra coisa. [...] dos doze aos dezessete anos eu investi muito em futebol, não porque eu vou fazer um investimento, era vontade, era paixão mesmo. [...] Eu vir para Fortaleza, eu tinha dezessete anos, treinar no time do Ceará" (ANDRADE, 2019, p. 433 Entrevistado 6)
Futebol como lazer	Como eu gostava de futebol e eu jogava todos os dias, de segunda a segunda, quando dava cinco horas, quatro e meia, cinco horas largava o livro, e era uma comunidade, como na época tinha muita né? adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia né? É:: a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos né? e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. [...]porque na verdade também era uma forma de lazer né? de divertimento, era uma forma da gente, é... sair da rotina [...] fazia um bem enorme mesmo" (ANDRADE, 2019, p. 372 Entrevistado 1)
Futebol como lazer	Como eu gostava de futebol e eu jogava todos os dias, de segunda a segunda, quando dava cinco horas, quatro e meia, cinco horas largava o livro, e era uma comunidade, como na época tinha muita né? adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia né? É:: a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos né? e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. [...]porque na verdade também era uma forma de lazer né? de divertimento, era uma forma da gente, é... sair da rotina [...] fazia um bem enorme mesmo" (ANDRADE, 2019, p. 372 Entrevistado 1)
Futebol como lazer	"O futebol era a coisa que eu mais desenvolvia" (ANDRADE, 2019, p. 448 Entrevistado 7)

Futebol como lazer	"Durante a tarde a gente ia para a quadra perto da casa de fazer farinha, adaptamos e transformamos em quadra de jogar futebol" (ANDRADE, 2019, p. 451. Entrevistado 7).
Apoio espiritual (Igreja)	"Aí eu lembro que na igreja a gente sempre, "vamos pedir orações a Deus para o que é que a gente vamos fazer, o que é que a gente pode tá desenvolvendo aqui, a gente tinha umas idéias" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Apoio espiritual (Igreja)	"A gente ficava na igreja, orava né? pedia a Deus orientação. Uma coisa importante também foi a igreja, acho importante ressaltar isso [...] a. A igreja também contribuía com uma quantidade de recurso todo mês para destinar a alimentação dos meninos, no caso a Congregação de Cipó" (ANDRADE, 2019, p. 381. Entrevistado 1).
Apoio espiritual (Igreja)	"E a igreja teve um grande papel no apoio espiritual, não só no sentido da oração, no sentido de nos fazer conhecer melhor a proposta do reino de Deus, nós fomos nos aproximando, fomos, enfim, nos alimentando disso, sempre essa proposta de que o trabalho né? social, a responsabilidade social é uma coisa inerente ao trabalho cristão, nós fomos aprendendo isso também com a igreja, ela foi referência de ponto nesse sentido, não só espiritual, mas também com a preocupação do social. Isso é uma marca muito importante" (ANDRADE, 2019, p. 381. Entrevistado 1).
Apoio espiritual (Igreja)	"Então eu creio que o valor da vida em si ele está para além dessas questões e a gente deve sempre ter a esperança e confiar, sobretudo no nosso criador né? no Deus que nos criou e que nos colocou nessa vida para viver bem né? E a proposta que ele tem, é uma proposta comunitária, é uma proposta que ela nos reconhece como seres limitados, que erramos [...] mas, sobretudo temos que a capacidade de continuar, então isso ficou sendo a minha filosofia de vida né? de continuar sempre" (ANDRADE, 2019, p. 386. Entrevistado 1).
Apoio espiritual (Igreja)	"Teve um momento que eu estive mais ligado a igreja, teve momentos que eu tive menos ligado a igreja, e agora agente tá nesse momento de decisão na vida, isso é importante para a gente relatar na paz espiritual. E eu tenho orado a Deus, para que Deus me oriente nesse momento, para que Deus me dê visibilidade do que é bom para mim, que eu já sei o que é parte bom para mim, mas eu quero orientação de Deus. Minha mãe sempre conversa comigo sobre orações" (ANDRADE, 2019, p. 407. Entrevistado 3).
Apoio espiritual (Igreja)	"E são tantos os fatos de minha infância [...] eu participava das atividades da igreja com a dona Sinhá, era uma tia do Arão, mais velha, ela me ensinou muitos bons modos. Tem uma parte que ela ensinou que até hoje eu lembro muito, que é assim, Deus deu essa oportunidade a mim, que ela falava muito sobre a mulher sábia né, e assim, eu consegui graças a Deus ser essa mulher sábia, e assim, e assim, isso também eu devo a ela, que era uma mulher de idade, levava a gente para a escolinha e ensinava bons modos" (ANDRADE, 2019, p. 411. Entrevistado 4).
Apoio espiritual (Igreja)	"mas elas também fazem parte de uma instituição da igreja né? E nós nos reunia, nas quintas feiras nas orações, aos domingos, aos sábados, para orar por esse grupo e até hoje esse grupo ainda é sustentado a base de oração, porque quando você crê que existe um deus, você tem que entregar as coisas nas mãos de Deus" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
Apoio espiritual (Igreja)	"Porque assim, tem uma coisa que nós precisamos colocar na nossa cabeça, que Deus nos dá tudo na hora certa" (ANDRADE, 2019, p. 417. Entrevistado 4).
Apoio espiritual (Igreja)	"Quando eu conheci o PRECE, me envolvi mais com a igreja, melhorei espiritualmente, porque fui um adolescente imaturo, de relacionamento difícil" (ANDRADE, 2019, p. 427. Entrevistado 4).
Apoio espiritual (Igreja)	"Para algumas pessoas eu digo: "Ser cristão ou ser uma pessoa boa dentro da igreja, é fácil demais porque vai todo mundo para a igreja desarmado. Ninguém vai para lá para brigar, vai querendo conforto. Agora, quero que seja um cristão bom lá fora da igreja. No meio do quente, onde está todo mundo lá te apontando, te olhando, querendo te desafiar" (ANDRADE, 2019, p. 446 Entrevistado 6)

Apoio espiritual (Igreja)	"Eu tenho que considerar a igreja na minha vida nesse momento, que me ajudou muito na questão espiritual, porque eu lembro que ia orando na bicicleta pra Deus me fortalecer" (ANDRADE, 2019, p. 449 Entrevistado 7)
Apoio espiritual (Igreja)	"O Andrade ajudava, a igreja ajudou bastante porque ela dava uma parcela dessa alimentação" (ANDRADE, 2019, p. 452 Entrevistado 7)
Ações realizadas pelo Prece	"a gente ia [...] visitar algumas comunidades e dentre essas comunidades a gente visitou uma que era de uma pobreza imensa né? uma comunidade chamada Coelho, é... a gente ficou abismado [...] Então seu Manoel Andrade ficou meio impressionado com aquilo e disse: "Rapaz que coisa né? O que que a gente pode fazer por essa comunidade?" [...] E daí assim, surgiu a proposta da gente ir na comunidade dizer: "Olha nós vamos é.. colocar uma escolinha aqui" (ANDRADE, 2019, p. 373 Entrevistado 1)
Ações realizadas pelo Prece	Marcamos o dia x lá pra começar, e fomos no dia, eles estavam lá, os alunos, e assim foi uma comunidade que a gente aprendeu muito porque eram pessoas simples mas que faziam também o melhor é... sobretudo por mim que estava no dia-a-dia, sempre tinha a questão de: "Olha, tá aqui a sua merendinha né?", um biscoito, um suco, um café e aquilo né? nossa, era uma gratificação muito é... era muito gratificante para mim porque eu percebia a simplicidade, mas o carinho né? eu percebia como as pessoas aceitavam aquele trabalho, e na sua maneira né? buscavam contribuir" (ANDRADE, 2019, p. 374. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"o professor Manoel Andrade ficava assim: "Olha, nós precisamos fazer algo mais, não temos muita clareza do que seja", mas enfim, então a gente passou agosto e setembro é... nessa busca, primeiro a gente colocou o curso de datilografia. Na sequência nós criamos uma escolinha de futebol que era para trabalhar com as crianças, então eu tinha esse trabalho sistemático [...] não era só futebol, a gente se organizava, conversava, fazia as coisas direitinho" (ANDRADE, 2019, p. 376. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"a escolinha de futebol, nós treinamos essa escolinha, houve um campeonato, nós fomos campeão nesse campeonato com essa escolinha de futebol né? pra foi muito importante e pra gente foi um prêmio muito grande, porque as escolinhas também eram bem organizadas" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"Mas nós tínhamos um trabalho educativo, nós tínhamos um trabalho de fazer, passar vídeo para esses meninos né? para fazer conversa, e nós não tínhamos um time tão bom do ponto de vista dos jogadores, enfim, foi construindo o grupo. E foi uma satisfação enorme" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"lembro que também tinha uma creche né? uma creche que era coordenada pelo prece [...] fiquei apoiando essa creche, esse professores, cuidando na compra de alimentação né? cuidando das questões estruturais pra que a creche tivesse as condições né? necessárias" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Ações realizadas pelo Prece	"existiam também naquele momento, lá também, uma creche, naquele momento as creches da formação com o PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).
O Prece oferecia a oportunidade	"era a minha primeira experiência em sala de aula [...] a gente vai aprendendo sempre, sobre tudo nesse desafio de trabalhar com pessoas de faixas etárias diferentes, de interesses diferentes" (ANDRADE, 2019, p. 374. Entrevistado 1).
O Prece oferecia a oportunidade	"então eu coordenava o grupo e estudava [...] porque eu era também um estudante, tinha a escolinha de futebol, eu era professor no curso de datilografia e acompanhava a creche. Mas isso tudo me ajudava a crescer muito" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
O Prece oferecia a oportunidade	"Através da creche eu participei né? do primeiro é... do conselho da criança e do adolescente de Pentecoste né? como membro titular lembro-me que a gente foi lá na Câmara né? foi a posse desse grupo [...] a gente começou a ser reconhecido como um grupo com capacidade" (ANDRADE, 2019, p. 380. Entrevistado 1).

O Prece oferecia a oportunidade	"Então nós envolvemos também pessoas que eram desse nosso grupo né? na comunidade, no bairro di Pirambu, que quando nós chegamos era uma realidade muito dura [...] o trabalho na comunidade, que percebemos a importância dele para aquela juventude né? sobretudo para pessoas de mais idade que participavam, tinha gente de 50 anos que participava também desse estudo lá no Pirambu" (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).
O Prece oferecia a oportunidade	"Foi através do PRECE que a gente foi experimentando esse aprender né? [...] desenvolver o trabalho dessa forma" (ANDRADE, 2019, p. 386. Entrevistado 1).
O Prece oferecia a oportunidade	"então as estradas eram muito ruins, profundamente ruins daqui para lá né? a gente pegava trechos quase intransitáveis. E a gente que ia, retornava a noite, retornava onze horas, doze horas, chegando em casa não é? mas enfim era um esforço que ele era recompensado porque a gente percebia, naquele grupo que era maior né? era um grupo que tinha 4 salas de aula, imagino que tinha 100 pessoas [...] que estava ali em busca de um sonho também, sendo mobilizada para uma ação que era para ele, para eles, para aquele grupo e nós também de fundamental importância para mudança de perspectiva" (ANDRADE, 2019, p. 387. Entrevistado 1).
O Prece oferecia a oportunidade	"Retornei para Capivara, que é minha comunidade, foi aí que surgiu a oportunidade de ir para o PRECE, o Andrade nos convidou. Na época tinha um curso de datilografia e, os alunos que se destacavam, ajudavam os outros, e eu era um dos orientadores de uma turma" (ANDRADE, 2019, p. 389. Entrevistado 2).
O Prece oferecia a oportunidade	"Foi aí que começaram os sonhos de vida dos precistas, surgiram os provões em Fortaleza, que fomos fazer no Liceu do Ceará" (ANDRADE, 2019, p. 390. Entrevistado 2).
O Prece oferecia a oportunidade	"Eu não era precista só de estudar, eu também monitorava uma creche, no período da tarde e de manhã eu dava aulas para as crianças da comunidade do Cipó, também dava aulas para escola de futebol em Capivara, onde eu nasci e cresci"(ANDRADE, 2019, p. 390. Entrevistado 2).
O Prece oferecia a oportunidade	"Andrade, e ele mostrou bem claro pra gente que queria mudar a situação daquela comunidade, porque pra ele foi muito difícil estudar e não ter um emprego à altura do estudo dele [...] o Andrade queria mudar a situação do jovem naquela época, queria fazer diferente. Pra ele chegar na faculdade, ele fez um grande percurso, então ele queria que os amigos dele fizessem um percurso menor. Seria o sistema do PRECE, de estudar, se capacitar, passar no vestibular e entrar na faculdade" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).
O Prece oferecia a oportunidade	"Quando terminou esse curso, quando concluiu o curso, foi que a gente começou a se reunir para ver se tinha condições de iniciar os estudos. [...] Nesse momento, tinha um grupo de estudo na qual participavam um número de pessoas" (ANDRADE, 2019, p. 399. Entrevistado 3).
O Prece oferecia a oportunidade	"falar do Prece assim na minha vida, eu acho que quando eu comecei a ter vida, quando eu comecei a me sentir gente, foi o momento que o Prece surgiu na minha vida [...] o Prece esteja envolvido. E falar do Prece na importância da minha vida, eu acho que o Prece hoje em dia é/que deu horizonte, que deu visibilidade, que deu oportunidade, que fez com que eu conhecesse quatorze estados do Brasil [...] faz com que eu tenha um salário digno, faz com que a minha vida financeira, pessoal e de amizade, integração, tudo isso e falar do Prece para mim" (ANDRADE, 2019, p. 406. Entrevistado 3).
O Prece oferecia a oportunidade	"E antes da formação desses sete grupos/sete pessoas num grupo lá em Cipó, que fomos sete, existiu também o curso de datilografia que foi passado pelo Toinho [...] Que eu participei junto com as minhas irmãs e minhas primas, até hoje eu ainda tenho meu certificado guardado lá em casa" (ANDRADE, 2019, p. 414. Entrevistado 4).

O Prece oferecia a oportunidade	"Na época era uma casa de farinha: "Vai ter o curso de biologia na casa de farinha". E os alunos se matriculavam e iam, tinha o grupo e eu era o professor de biologia, me sentia muito honrado de fazer isso" (ANDRADE, 2019, p. 424. Entrevistado 5).
Educação Solidária	"foi se tornando consistente, no sentido de que a ideia da solidariedade né? a ideia de que a gente construa uma educação que seja capaz de nos mostrar que o trabalho solidário em grupo né? isso nos fortalece e nos dá as condições necessárias para fazer as mudanças não é? e sobretudo realizar sonhos" (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).
Criação de uma escola	"Hoje nós temos uma oportunidade de uma escola magnífica, escola técnica de Pentecoste na gerência do Prece, junto com a universidade ((Universidade Federal do Ceará - UFC)), coordenadoria do Prece com apoio da universidade. Isso faz com que o ponto de apoio, de segurança, de mostrar coisa diferente para o município de Pentecoste. E também estamos com a oportunidade do Prece ser conhecido em todo o estado, através da coordenadoria do professor Andrade junto com o estado" (ANDRADE, 2019, p. 407. Entrevistado 1).
Retorno	"passei na universidade a ai a relação muda porque de certo modo a gente voltava só no final de semana" (ANDRADE, 2019, p. 379. Entrevistado 1).
Retorno	"e o professor Manoel Andrade todo final de semana estava com a gente, trazia professor às vezes né? para nos, ministrar aula para esse grupo né? pra gente que estava ali estudando" (ANDRADE, 2019, p. 380. Entrevistado 1).
Retorno	"E a minha relação com o PRECE ela foi sempre assim, intensa nos finais de semana, voltava toda sexta feira a noite, quando muito sábado de manhã, a gente continuava dando aulas para o grupo que ficava, participando da igreja né? participando lá em casa, participando com a família, lógico né? nunca deixei que a gente perdesse esse contato próximo" (ANDRADE, 2019, p. 383. Entrevistado 1).
Retorno	"continuei retornando aos finais de semana né? para as atividades, e fiz isso sistematicamente até 2003" (ANDRADE, 2019, p. 384. Entrevistado 1).
Retorno	"Todos os finais de semana retornava para Pentecoste, colaborava com o jovem que estavam lá, mesmo não estando na universidade ainda, colaborava com ele, com o time, com todas as organizações que a gente pertencia" (ANDRADE, 2019, p. 402 Entrevistado 3)
Retorno	"mais uma vez desafiado, retornar Pentecoste para iniciar um projeto de apoio aos agricultores familiares daquela região. [...] E eu retornei pra Pentecoste. [...] Isso foi uma experiência magnífica que eu passei a conhecer todo o município. [...] E desenvolvi esse projeto durante um ano no qual deu vários resultados positivos, tanto pro Prece, que nem para mim, que nem pras pessoas, pros agricultores daquela região. E tive oportunidade, Secretaria de Agricultura me chamou para prestar um serviço" (ANDRADE, 2019, p. 405. Entrevistado 3).
Retorno	"mas quem é que não deseja que todo mundo possa cursar o ensino superior né, ter a sua vida estabilizada e possa voltar para ajuda as suas comunidades, porque não adianta você só estudar e estar bem, e esquecer que lá atrás você deixou uma comunidade que tanto acreditou em você" (ANDRADE, 2019, p. 412. Entrevistado 4).
Retorno	"Estar contribuindo para a educação? Saindo de sua comunidade, né? Dia de sexta-feira, com curso universitário, sai àqueles que já são formados às vezes, né? E vão para as suas comunidades ajudar, e eles poderiam muito bem dizer assim: Não, já estou formado, já fiz minha parte, vou ficar tendo lazer. Não. O PRECE ensinou a gente que mesmo formados, que mesmo já tendo feito a sua parte, você tem que ter o compromisso e a responsabilidade de aos sábados, final de semana, um período de férias, no período que muitas vezes está acontecendo greve, você tá ali, ajudando aquele adolescente, aquele aluno da escola pública" (ANDRADE, 2019, p. 420 Entrevistado 4).
Retorno	"Difícilmente um PRECISTA conseguia ficar final de semana, a oportunidade de voltar todas as sextas-feiras era uma coisa única. A pessoa que não tinha condição,

	<p>tinha a oportunidade de ir lá ajudar os colegas, dando aula, ver os familiares, as namoradas" (ANDRADE, 2019, p. 427 Entrevistado 4)</p>
Retorno	<p>"Geralmente nos finais de semana eu viajava para o interior, e era uma coisa muito boa. Os demais colegas que moravam comigo na residência, e que não eram PRECISTAS, não tinham condições de viajar todo final de semana para o interior" (ANDRADE, 2019, p. 430 Entrevistado 5)</p>
Retorno	<p>"Paralelo às atividades da universidade, estar na universidade, voltar para o Prece no Cipó, nos meus dez primeiros anos, foram voltados para o Cipó. Eu trabalhei praticamente em Cipó" (ANDRADE, 2019, p. 439 Entrevistado 6)</p>
Retorno	<p>"No final de 2010 eu falei pra ele que iria me envolver com as atividades do PRECE. De fato, eu voltei mesmo, hoje estou desenvolvendo um trabalho com um pessoal do grupo que está desenvolvendo um trabalho pra Secretaria de Educação do Estado. Estou participando de um projeto maravilhoso que é fazer a construção do memorial do PRECE, eu quero compartilhar, quero fazer parte desse momento, pra mim é uma questão de honra. Eu acho que esse trabalho é fantástico, brilhante, e fazer parte dessa história é tudo o que quero, porque afinal de contas o PRECE é dinâmico em todos os sentidos" (ANDRADE, 2019, p. 453. Entrevistado 7).</p>
Pertencimento	<p>"Pra mim, já faz parte de um sonho voltar para o PRECE, porque eu já me sinto dentro do PRECE de novo. [...]Mas não era assim como eu pensava, as pessoas me abraçaram e perguntavam quando eu ia voltar para o PRECE, se eu tinha vontade de voltar, e eu sempre dando uma escapulida. Mas hoje é diferente, é um prazer estar no PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 391. Entrevistado 2).</p>
Pertencimento	<p>"Eu sei que quando o tempo foi passando e nós fomos estudando em grupo, foram muitas lutas e - muitas vezes eu pensei em desistir e deixar tudo para lá, né? Mas assim, quando eu via que só acreditando no sonho e lutando que eu ia conseguir superar todas as lutas, todas as dificuldades foi que continuei" (ANDRADE, 2019, p. 415. Entrevistado 4).</p>
Pertencimento	<p>"Eu nunca perdi meu vínculo com o PRECE, mesmo eu trabalhando numa empresa que não tinha nada a ver com o PRECE, mas eu sempre mantinha contato através dos e-mails, dos blogs, eu sempre procurava me alimentar do que estava acontecendo na dinâmica do PRECE" ANDRADE, 2019, p. 453 Entrevistado 7).</p>
Frutos do PRECE	<p>"o PRECE ele passou a ter iniciação política [...] organizava encontros com todos os candidatos a prefeito. O PRECE não tomava partido, mas ele fazia essa mediação de debate, isso foi uma inovação muito grande, foi uma oportunidade que possibilitou que o eleitor olhasse no olho do candidato e falasse, fazer perguntas" (ANDRADE, 2019, p. 385 Entrevistado 1).</p>
Frutos do PRECE	<p>"o PRECE vai lidando e aprendendo e contribuindo com isso, porque isso é uma questão processual. [...] o PRECE foi se expandindo né? essa história da expansão, então a gente foi acompanhando, contribuindo [...] foi diminuindo o nosso tempo, os afazeres foram aumentando. [...] foi diminuindo o nosso tempo, os afazeres foram aumentando. [...] então o PRECE passou por transformações enormes" (ANDRADE, 2019, p. 385 Entrevistado 1).</p>
Frutos do PRECE	<p>"hoje o PRECE é uma instituição de um grande respeito" (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).</p>
Frutos do PRECE	<p>"é uma trajetória de, uma relação saudável, uma relação que é... marcada com grandes aprendizagens né? As dificuldades acontecerem né? mas elas também me ensinaram muito em uma carga de conhecimento que me ajudaram a entender melhor as questões da vida, elas de certo modo nos ensinam né? ensinaram de uma forma profunda também todas essas questões. [...] o PRECE como uma instituição de um peso grande, para o município de Pentecoste, quando eu vejo os meninos trabalhando em programas de rádio, desenvolvendo ações junto a agricultores [...] mostra o quanto né? o ideal lá de 94, ele foi se ampliando" (ANDRADE, 2019, p. 385. Entrevistado 1).</p>

Frutos do PRECE	"Lembro que a gente reuniu vários alunos que estiveram em 2002 no Cipó, conversamos com várias lideranças né? igrejas, lideranças sindicais, enfim, com escolas e conseguimos, em 2003, organizar a primeira multiplicação do PRECE, que foi para Pentecoste, na base que veio pro Cipó de alunos, o grupo de sustentação desse trabalho" (ANDRADE, 2019, p. 387 Entrevistado 1).
Frutos do PRECE	"É dar oportunidade, dar conhecimento, dar empoderamento e dar essa fortaleza de vida [...]minhas irmãs que são três graduadas, minha mãe é graduada, tudo isso vem do fruto de integração e de oportunidade que o Prece gera na minha vida e na minha família" (ANDRADE, 2019, p. 406 Entrevistado 3).
Frutos do PRECE	" O PRECE teve uma contribuição que eu não tenho palavras para descrever o que ele mudou na minha vida, né? Porque com o conhecimento que o PRECE repassou, com as lutas, dificuldades divididas entre eu e meus sete colega e os demais que hoje são milhões, né? Que a gente pode contar que são muitos e muitos alunos né. Foram - tudo que a gente aprendeu foi dividido junto, e ele me ensinou muitas coisas, dividir o bom, dividir o ruim, aprender a esperar, que há momento para tudo na vida, se antes o que era sonho, ele me fez ensinar que vai se tornar realidade"(ANDRADE, 2019, p. 417. Entrevistado 3).
Frutos do PRECE	"E assim, o PRECE contribuiu para a vida da minha mãe? Contribuiu. Contribuiu na minha vida? Contribuiu. Todo mundo na minha casa faz parte do PRECE, mesmo aqueles que não estudaram, mesmo aqueles que não cursaram nível superior, e ele fez eu aprender isso, que mesmo aquele que não está cursando nível superior, como o meu esposo, a minha cunhada, o meu irmão, eles fazem parte da família PRECE em si, porque eles veem a importância da instituição, eles contribuem de uma forma ou de outra para que aconteça, eles ajudam quando precisa em qualquer que seja a situação, pro programa acontecer (ANDRADE, 2019, p. 417. Entrevistado 3).
Frutos do PRECE	"que para mim os grandes resultados do Prece como todo não é a quantidade de pessoas que se formaram ou chegaram a universidade [...] quantos outros que eu não conheço que não tinham essa oportunidade, estavam aí direcionados para qualquer canto que não sejam coisas boas, e eles tiveram oportunidade, seguraram" (ANDRADE, 2019, p. 441. Entrevistado 6).
Frutos do PRECE	"Acho que a gente precisava ter rodas de conversas desse tipo em outros momentos, para compartilhar. Porque a gente acaba não conhecendo a vida dos outros estudantes, dos amigos. Eu digo até que minha história é dividida em duas fases, uma antes e uma depois do Prece" (ANDRADE, 2019, p. 44. Entrevistado 6).
Ensinaamentos do PRECE	"Cipó me mostrou que a realidade é outra, que nós precisamos nos comprometer, nós precisamos nos envolver, e que portanto, nós somos responsáveis por aquilo que nós almejamos para conseguir, a gente não consegue por acaso né? tem todo um trabalho, tem todo um esforço para poder conseguir, e isso também foi impactante na vida daqueles jovens né? que aprenderam não só o conteúdo, mas aprenderam noções que ajudou essas pessoas a ter um olhar diferente, uma postura diferente diante da vida, que é preciso se envolver, que é preciso ter o esforço, enfim, para você conseguir realizar os sonhos" (ANDRADE, 2019, p. 384. Entrevistado 1).
Ensinaamentos do PRECE	"Eu aprendi durante todo o período do PRECE antes de entrar na universidade é que o que você aprendesse, passe aos outros, nunca mais seria esquecido e tinha um melhoramento no seu conhecimento. [...] eu dava aulas particulares pros (sic) seus colegas, os caras dentro da universidade junto comigo, mas eu tinha um pouco de destaque, a gente tinha um grupo de estudo, colaborava, a gente fazia ali uma vaquinha e colaborava para que eles passassem/para eu repassar um pouco de aula para eles" (ANDRADE, 2019, p. 404. Entrevistado 3).
Ensinaamentos do PRECE	"E hoje eu estou trabalhando especificamente com os jovens mas também trabalho em vários outros programas, projetos que o Prece desenvolve, sempre estou no meio, porque isso é uma oportunidade que a gente teve de aprender durante todo esse período no meio, porque isso é uma oportunidade que a gente teve de

	aprender durante todo esse período e isso faz com que a gente fortaleça as amizades, fortaleça o conhecimento e isso dê força para desenvolver vários outros frutos, várias outras oportunidades para outras pessoas" (ANDRADE, 2019, p. 405. Entrevistado 3).
Ensinaamentos do PRECE	"Na qual é perspectiva, sua vida você perde hoje e ganha amanhã, se você ganha hoje, tem que economizar porque amanhã você pode perder, isso o Prece tem feito na vida de várias pessoas, na minha não é diferente" (ANDRADE, 2019, p. 406. Entrevistado 3).
Ensinaamentos do PRECE	"É oportunidade na vida, oportunidade que a vida oferece hoje em dia, é o que eu digo sempre para os meus alunos e jovens que colaboram comigo, é que busquem a educação que todos nós temos agora conhecimento a gente tem que buscar, tem que ir melhorando aos poucos. E isso, através do conhecimento, você tem oportunidade de melhorar de vida, de fazer com que sua família melhore de vida, sua comunidade, posteriormente, seu município. isso é o que eu digo aos jovens desse nosso território, desse nosso estado"(ANDRADE, 2019, p. 407. Entrevistado 3).
Ensinaamentos do PRECE	"hoje eu como educadora, eu como professora, eu como defensora do programa do PRECE, faço tudo, tenho que dar exemplo, eu sentaria para conversar, mas quando você é criança, você não pensa assim" (ANDRADE, 2019, p. 412. Entrevistado 4).
Ensinaamentos do PRECE	"Não apenas do PRECE em si, as atividades voltadas à educação, religiosas, são diversas as coisas. E foi isso que o PRECE nos ensinou que o que nós temos, nós temos que dividir com os outros. O espaço à educação, o compromisso, a responsabilidade" (ANDRADE, 2019, p. 418. Entrevistado 4).
Ensinaamentos do PRECE	"Porque assim, se eu quero uma educação de qualidade para a minha família, eu tenho que querer para todas as pessoas da minha comunidade. E assim, um dos sonhos que ainda está no papel, na minha, que assim, eu vou lutar junto com o PRECE" (ANDRADE, 2019, p. 418. Entrevistado 4).
Ensinaamentos do PRECE	"Então assim, eu acredito que foi o PRECE que fez e me ensinou a sonhar que eu vou ver todas as comunidades lutando com um só objetivo, que é mudar a educação do nosso país" (ANDRADE, 2019, p. 418. Entrevistado 4).
Ensinaamentos do PRECE	"Era um município que não tinha perspectiva de crescer. Quando o PRECE foi criado, lembro que minha professora falava que sofria repressão se liberasse os alunos mais cedo, mas foi um grupo que foi agregando pessoas [...] no PRECE foi criada essa oportunidade, a falar de revoluções, a trazer isso para o dia-a-dia, e isso começou a incomodar, e a gente começou a se perguntar por que as coisas são assim. Por que não temos direito a boa educação? Por que não temos direito a hospitais?" (ANDRADE, 2019, p. 429. Entrevistado 5).
Ensinaamentos do PRECE	"O PRECE ajudou a formar pessoas independentes, críticas, com vontade de mudança" (ANDRADE, 2019, p. 429. Entrevistado 5).
Ensinaamentos do PRECE	"Nós somos uma história viva e uma verdade viva" (ANDRADE, 2019, p. 430. Entrevistado 5).
Ensinaamentos do PRECE	"Acho que hoje eu trabalho mais conversando com os meninos, né? Mostrando para eles algumas vertentes, alguns sentimentos, algumas possibilidades de fazer algo diferente, de mudança do que mesmo atuando, apesar de que estamos lá, frequentemente" (ANDRADE, 2019, p. 44.1 Entrevistado 6).
Ensinaamentos do PRECE	"E como o Andrade diz, se me jogarem num rio não me procurem em água rasa, me procurem em água contra a corrente, mas assim, eu adotei essa teoria" (ANDRADE, 2019, p. 442. Entrevistado 6).